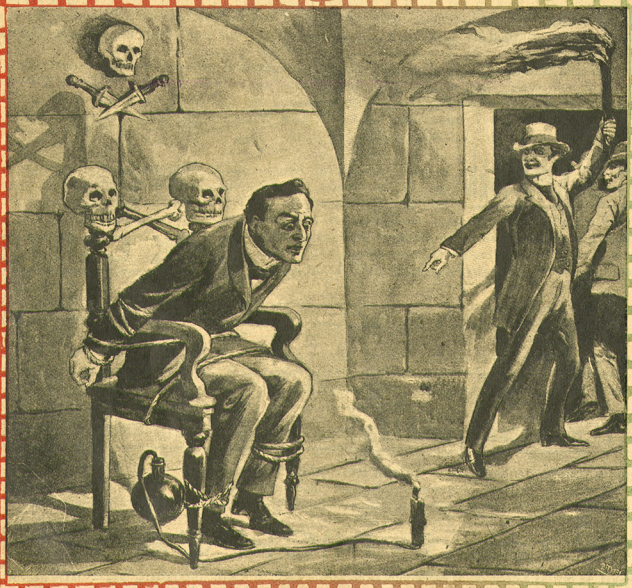
Cada numero contem sempre uma obra completa

N.º 61 A NOVELLA POPULAR Preço 60 rs.

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

A' porta da morte



Em cinco minutos devia haver a explosão; em cinco minutos estava acabada a sua vida.

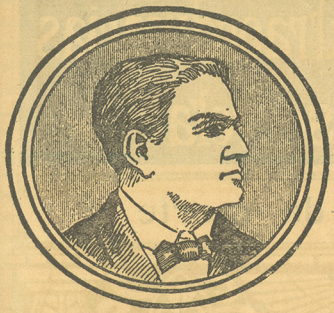
Redacção e administração de A NOVELLA POPULAR, Calçada do Ferregial, 23, 1.º — Lisboa

Editor e proprietario: F. A. de Miranda Sousa

Comp. e imp. na — EMP. LUSITANA EDITORA, C. do Ferregial, 23 — pertencente ao editor

wlk85-168317

NICK CARTER



O celebre policia americano

Aventuras prodigiosas, extraordinarias e sensacionaes do incomparavel dectetive

Cada volume contendo = uma obra completa = 100 reis

Não existe um americano, seja elle quem fôr, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais **celebre policia do mundo**! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director de policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter** tal qual verdadeiramente é.

N'esta **verdadeira maravilha do disfarce**, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, rende o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter.** E' isto o que lhe permitte arriscar-se *sem que ninguem o reconheça* aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horriveis antros onde impera a escumalha da sodiedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobeis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outróra simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embriagadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatuno de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **O assombroso dectetive Americano**

NICK CARTER

Ha mais de vinte e cinco annos que este personagem mysterioso, auxiliado pelo genial **Chick Carter**, seu primo, e pelos dedicados **Patsi** e **Ten-Itchi**, seus subordinados, desempenha as funcções do espinhoso cargo em que foi investido.

O que tem visto, as tragicas aventuras em que se tem envolvido, tudo quanto tem levado a cabo, os perigos terriveis que dia a dia tem affrentado, as torturas soffridas, os triumphos colhidos, tudo isto elle contará aos leitores na publicação que vamos encetar. Oiçam-no!

ACD 823.91 D598 .99 P47 v. 2 no. 61

NICK CARTER narra pessoalmente as suas famosas proezas!

cada uma dos quaes, publicada em volume, **fórma um episodio completo.**

A Empreza Lusitana Editora, abalançando-se a lançar no mercado a nova publicação, conta com a preferencia que o publico lhe tem constantemente dispensado, e, para lhe corresponder, publicará as

Aventuras de NICK CARTER

Em volumes in-8.º grande; de leitura compacta, brochado e **com elegante capa artistica** pelo modico preço de

100 RS, O volume contendo sempre um episodio completo **100 RS.**

Dirigir pedidos á ***Empreza Luzitana Editora,*** *Calçada do Ferregial 23.—Lisboa*

Numero 61 Lisboa, 21 de Julho 1910 Anno 2

A' porta da morte

Conan Dayle

CAPITULO I

O automato mysterioso

Um creado luxuosamente fardado abriu a porta da sala da condessa Olitzky e annunciou:

—O sr. Alfredo Brown.

A dona da casa correu ao encontro d'um individuo alto, estendendo-lhe as duas mãos.

—Como me sinto contente, disse ella n'uma pronuncia levemente estrangeirada, por ter acceitado o meu convite.

Levou-o para um sophá e assentou-se junto d'elle n'uma cadeira de baloiço.

—Estamos ainda sós, continuou accendendo um cigarro, e tenho tempo de o pôr ao facto do mysterio que a nós dois convem decifrar.

—Estou anciosa, encantadora condessa, respondeu Brown, devorando com o olhar, a esbelta creatura que tinha perto de si. Já me deu tantas provas da sua perspicacia que, certamente, me podia dispensar de collaborar na decifração d'esse mysterio.

—Não, exclamou a condessa em tom resoluto, não sinto coragem para isso. O enygma a que me refiro, é horrivel demais para que uma mulher se afoite a desvendal-o só.

—Bom, então conte. Sou todo ouvidos.

—Certamente já ouviu fallar do afamado automato xadrez Hing Thong?

—Sem duvida, respondeu Brown. Infelizmente, porém, ainda não se me proporcionou ensejo de o conhecer de perto. Até agora ainda não se mostrou em publico, tendo-se feito apenas admirar nos salões mundanos.

—Pois, digo-lhe, exclamou a condessa Olitzky com olhos scintillantes, que esse automato é o maior enygma do nosso seculo.

«Compareci em algumas reuniões em que elle se apresentou. Hing Thong sabe tudo; Hing Thong conhece todos os jogos; Hing Tong faz calculos assombrosos, adivinha os pensamentos de qualquer pessoa. Terá ensejo de avaliar este prodigio d'aqui a uma hora.

O interlocutor da condessa, que a escutava com grande indifferença, deitou algumas nuvens de fumo e disse friamente:

—Jogos que se explicam da forma mais natural possivel.

—Está bem, respondeu a condessa. Conheço a sua perspicacia e não quero discutir as suas opiniões. Mas, accrescentou ella, emquanto as suas feições delicadas tomavam uma expressão de horror, agora vem o horrivel mysterio que encobre esse automato.

A condessa inclinou-se para Brown de forma que ao habito acaricial-o e disse, em voz baixa:

—A todas as familias que estão em contacto com esse automato, ha de acontecer uma desgraça, como tenho observado.

«Em casa do conde Poninsky morreu inesperadamente a filha mais velha; na familia do sr. de Subaraw a propria dona da casa; em casa do barão de Kyburg um creado antigo. E, agora, o que diz a isto?

A gentilissima russa fitava interrogativamente a physionomia impassivel do seu interlocutor, com os seus olhos negros.

—As desgraças succedem logo apos as exhibições ao automato? perguntou elle attentamente.

—Sem duvida. Dão-se na noite seguida á exhibição.

—E nunca foi possivel esclarecer esses casos de morte?

—Nunca; quero dizer os medicos constatáram em todos elles apoplexia cerebral.

Alfredo Brown sorria-se agora significativamente, erguendo-se.

—Mas, então, eu teria hesitado, se estivesse no logar da senhora, em receber o automato na minha casa. Medo d'uma morte proxima?

A condessa havia-se levantado da cadeira e andava inquieta d'um lado para o outro no quarto.

—Não posso deixar de sentir alguma inquietação respondeu ella, porque não creio na casualidade d'essas desgraças. Foi justamente por esse motivo, caro amigo, que lhe pedi que viesse aqui. Desejo que, por um lado, me aconselhe e me ajude e, por outro, me descubra os verdadeiros criminosos, se, na verdade, existem.

Pensativo, olhava a linda mulher que tinha na sua frente. A sua testa estava ligeiramente enrugada, como se partilhasse da opinião da condessa.

—Quantos creados tem em casa? perguntou com voz firme.

—Só dois. O creado que ha pouco viu e a minha creada de quarto, Wanda Aprau. Sei o que quer dizer com isso, mas licenciei ambos esta noite e estarei só em casa. Mandei collocar na porta fechaduras de segurança mais modernas, sendo difficil a entrada de um inimigo. O sr. Brown será hoje o ultimo dos meus convidados a sair de casa.

—Está combinado, respondeu elle. Mas ahi veem os seus convidados e não quero, por mais tempo, roubal-a aos seus deveres de dona de casa. Só uma palavra: qual é o quarto onde se acha installado o automato?

—No quarto azul que o senhor já conhece.

Os convidados da condessa Olitzky estiveram pouco mais ou menos uma hora occupados a tomar o chá quando se ouviu uma campainhada vibrante.

—Minhas senhoras e meus sanhores, disse a condessa, peço-lhes que me sigam para o quarto azul, onde lhes será apresantado o automato xadrez Hing Tong. Preparem-se para assistir ás maiores surprezas. Não ha problema que Hing Tong não saiba decifrar.

Na sala resoou uma gargalhada. Mas todos se calaram quando a condessa, com um aspecto grave, poz o dedo na bocca e disse:

—Não se riam tão cedo: podem crer que vão assistir a coisas maravilhosas.

Alfredo Brown foi um dos primeiros que entrou no quarto. Fixou attentamente o mysterioso automato xadrez que foi posto no meio do quarto. Um elegante barranco estava em volta d'elle, de forma que se tornava impossivel á assistencia uma inspecção minuciosa. O automato compunha-se d'uma pequena meza quadrada com uma caixa por cima. Em cima d'essa caixa havia uma figura de chinez, vestido de largos estofos de seda, tendo pouco mais ou menos a altura de 75 centimetros e assentando-se em cima das pernas como n'um pagode.

—Meus senhores, disse o dono do automato, um homem de typo russo, tenho a honra de lhes apresentar Hing Tang, o automato omensciente. Hing Tong põe-se em movimento por meio d'umas rodas construidas por mim. Sabe ler e contar. advinha os pensamentos e joga o xadrez. Peço-lhes que me deem todos os problemas que possam imaginar; porque tenho a certeza de que elle não deixará nenhum sem solução.

«E agora, continuon elle, quero provar-lhes que é impossivel estar occulto, n'este automato, qualquer ser humano.

Dizendo isto, abriu as cantos da caixa cortados obliquamente.

Depois ouviu-se um ruido aspero, uns estalos abafados e os braços do chinez que até agora estavam pendurados e frouxos, estenderams-se tesos.

—Agora, meus senhores, rematou o russo o seu discurso, Hing Tang está ás suas disposições.

—Durante um minuto fez-se um silencio completo entre os assistentes, Todos reflectiam no problema difficil que haviam de dar ao automato para o comprometter. Como era possivel que uma machina advinhasse pensamentos!

—Inaugural-o-hei eu, disse a condessa Olitzki, que se tornara visivelmente pallida. Desejo que Hing Tong diga quantas pessôas estão aqui n'este quarto.

Logo que esta pergunta se acabou de formular, appareceu escripto o numero 12 sobre uma ardosia que o automato tinha debaixo de si.

—Está certo disse a condessa. Mas agora Hing Tong deve advinhar a minha edade.

Sem a mais leve hesitação, Hing Tong escreveu 34 annos.

Todos os olhares se dirigiram para a condessa.

Poucas pessôas sabiam ao certo a sua edade, não a podendo mesmo calcular pela apparencia.

—Tambem essa resposta está certa, disse a dona de casa com voz tremula e fraca.

As perguntas ao automato choviam agora de todos os lados, n'uma confusão geral.

—Peço desculpa, meus senhores, exclamou o russo que tinha apresentado o automato, Hing Tong só póde responder a uma determinada pergunta. Proponho ceder a primazia ás senhoras.

—Bom, disse a condessa Olitzky, a senhora de Lyseinski tem de certo uma pergunta difficil para fazer, peço-lhe que a faça, para principiar.

—Hing Tong advinhe o que eu fiz hontem ás 6 horas da tarde.

Sem hesitar, o lapis do chinez passou por cima da pedra que estava agora em cima dos seus joelhos.

—Acompanhou o seu marido á gare, e esperou que o comboio partisse; depois tomou um trem de

praça que a conduziu a um restaurant na rua King Charles, onde se...

—Basta! gritou a linda polaca, com respiração offegante, dispenso o resto da resposta.

Todos os assistentes deram gargalhadas, porque conheciam muito bem as aventuras galantes d'essa mulher cheia de vida.

—No interesse do meu automato, peço-lhe que diga se a resposta de Hing Tong foi exacta, disse elle sempre com a mesma fleugma.

Todos os olhares estavam voltados para a linda mulher, que se tinha tornado vermelha.

Ella hesitou um momento; depois disse em tom firme:

—Sim, passou-se tudo como disse.

Ouviram-se applausos de todos os lados.

Se, a principio, todos se apressavam a fazer perguntas ao automato, agora temiam-no.

—Desejaria alguem jogar o xadrez com Hing Tong, disse o russo interrompendo desembaraçamente o silencio que se tinha feito durante alguns minutos, e que ameaçava tornar-se penoso.

Acto continuo, foi posto sobre os joelhos do chinez um taboleiro de xadrez, e dois dos assistentes associaram-se para fazerem jogo contra elle. Devagar e com toda a cautella, começaram procurando não dar a conhecer os pontos fracos.

Rapida e impetuosamente Hing Tong deitava as figuras ao seu lado. Para elle parecia não haver reflexão nem meditação.

Havia um profundo silencio; todos fixavam com anciosa espectativa o taboleiro de xadrez.

—Mate! disse de repente uma voz sonora.

Todos se voltaram para quem tinha fallado. Era mr. Alfred Brown que tinha pronunciado a sentença.

—Ainda não, exclamou um dos jogadores, sem tirar os olhos do taboleiro.

—Tem razão, respondeu mr. Brown, mas em trez movimentos, sel-o-ha, qualquer que seja o jogo que fizer.

Tinha razão; Hing Tong em trez movimentos, ganhara brilhantemente.

Para pôr termo á excitação que reinava, a condessa Olitzky aproximou-se rapidamente do automato.

—Hing tem de adivinhar o que tenciono fazer esta noite, disse ella em voz alta.

Seguiu-se um profundo silencio.

Hing Tong poz o lapiz na pedra; havia um profundo silencio, e apenas se distinguia a respiração forte da condessa.

—Quer esta noite licencear os seus creados, viase escripto na pedra.

—Está certo, respondeu a dona da casa, cuja voz estava rouca de excitação.

—Quer fechar-se muito bem á chave esta noite.

—Tambem é isso; mas continue. O que tenciono fazer mais?

—Quer estar acordada toda a noite para verificar se lhe acontece alguma aventura.

—Tambem isso é exacto, disse d'uma maneira quasi imperceptivel.

«Ainda queria saber uma coisa mais, continuou ella com voz um pouco mais firme. O que me acontecerá esta noite?

—Um incidente, foi a resposta que elle deu.

—Isso é que se chama livrar-se bem d'embaraços, disse um dos circumstantes a bom rir.

Todos os espectadores respiraram como se tivessem ficado aliviados d'um grande peso, ouvindo esse riso.

Tinham visto empallidecer a condessa Olitzky e perder o sangue frio. Viram logo que as respostas a tinham commovido até ao intimo, tão precisas eram ellas.

—Ora historias, disse baixinho uma das senhoras a um dos circumstantes, a condessa convidou-nos para nos fazer uma surpreza, de que afinal se sahiu muito bem.

Como um fogo, espalhou-se essa opinião e todos a compartilharam. Nem d'outra forma podia ser, pois na verdade era essa a solução mais simples. Agora faziam as perguntas mais engraçadas ao automato, que respondia egualmente quasi sempre com muito espirito.

A condessa vendo os seus convidados tão entretidos, dirigiu-se a Brown.

—Ouviu as respostas ás minhas perguntas? perguntou ella com voz sumida.

—De certo, foram todas exactas?

—Todas, senhor Brown, até mesmo a ultima; que diz a isto? Creio bem que se passam coisas mysteriosas.

Brown impaciente, encolheu os hombros e fixou o automato, que estava com olhar carrancudo a escrever mais uma resposta na pedra.

—Tudo n'este mundo se esclarece d'uma maneira natural, respondeu elle; mas ha-de concordar que me falta n'este momento a verdadeira solução. Sim, se pudesse desarmar á vontade o apparelho.

Um olhar foi o bastante para se certificar que dois olhos ardentes estavam fitos n'elle; eram os da dona do automato.

—Tenha a bondade, meu senhor, de verificar o cesto tanto quanto quizer e sem receio.

De mau humor depôz Brown o cesto onde estava.

O estrangeiro parecia querer divertir-se á custa d'elle, o que se deprehendia do sorriso ironico que lhe pairava nos labios barbudos.

O jogo de perguntas e respostas parecia estar terminado entre o automato e os convidados. Ninguem já se atrevia a interrogar Hing Tong. Todos estavam pasmados com os seus conhecimentos, com o seu espirito, e sobretudo com a sua apparente omnisciencia.

Hing Tong estava informado das coisas mais intimas das pessoas presentes; dizia a cada um francamente o que apenas se poderia confiar ao mais intimo amigo.

Agora approximou-se Alfred Brown do automato, como ultimo curioso.

—Queria tambem dirigir algumas perguntas a Hing Tong, disse elle fixando o dono com olhar severo.

—Tenha a bondade, respondeu este com um movimento de mão indifferente e sem corresponder ao olhar.

—Quero saber o que me trouxe aqui, foi a pergunta que elle fez, apparentemente muito energica.

—O convite da condessa Olitzky, respondeu promptamente.

—O que mais? perguntou o outro.

—A amizade e o cuidado por ella.

—Mas porque estou em cuidado por ella?

—Porque conhece o seu passado, escreveu Hing Tong sem hesitar.

—O que queria eu saber agora? perguntou ainda, perante a anciedade de todos os convidados.

—Decifrar o enygma de Hing Tong, porque não acredita na pura acção do mechanismo.

—Admiro a perspicacia d'esse chinez, respondeu Brown tranquillamente; teve até agora sempre razão e mostrou ser um maravilhoso conhecedor do genero humano.

—E agora está satisfeito? perguntou o russo pondo-se entre o hospede e o automato, como para o proteger.

—Só mais uma pergunta, mas tenho um palpite que Hing Tong, que parece muito bem informado, não responderá certo.

O dono do automato dirigiu-se para este com grande attenção.

—Vejo justameute agora que d'aqui a um minuto o mechanismo estará parado.

—Deixe-me aproveifar este precioso minuto depressa, exclamou Brown, e dirigindo-se ao chinez, disse:

—Qual o meu nome?

—Sherlock Holmes, foi a resposta prompta.

Depois ouviu-se um estalar estrondoso; as rodagens pararam e os braços do chinez que até aqui estavam tesos em cima da pedra, cahiram frouxo ao lado, e a representação terminou.

CAPITULO II

Uma horrivel mensagem

Esta ultima resposta a Hing Tong fez o effeito um que raio tivesse cahido entre as pessoas presentes.

Durante um segundo, reinou um silencio aterrador, depois encheram o afamado policia de perguntas. Cada um queria ouvir a sua opinião ácerca d'este automato mysterioso bem como, quaes os seus projectos para desmascarar o russo do seu embuste, mas Sherlock Holmes apenas acolheu todos com um sorriso.

Deixou-se levar como os outros convidados da condessa Olitzky para um quarto contiguo, onde estava servida a ceia.

Então perguntou elle baixinho para a condessa, a senhora sabe mais alguma coisa a respeito do interior de Hing Tong?

—Não, tenho quasi horror áquelle apparelho omnisciente. Acabo de pagar ao seu dono; elle está a guardar o seu automato, e, de certo, n'este momento já se foi embora.

—Se tem medo de ficar só de noite, ficarei de guarda ao pé de si.

—Nunca, disse ella energicamente. A unica coisa que lhe peço é que seja o ultimo dos meus convidados e revistar mais uma vez a minha casa, e acompanhar a minha dama de companhia Wanda Apraxin a casa da sua tia, onde ella deve dormir esta noite. Fecharei logo atraz de si a porta á chave e, depois, esperarei com curiosidade o que me acontecer até ámanhã.

—Parece-me que a senhora fez todos os possiveis para sua segurança, respondeu Holmes, comtudo, estou agora como d'antes, prompto para a velar durante a noite em sua casa.

—Como já disse, não permitto isso, de resto, disse ella sonhadora é-me indifferente a fórma porque se, realisará o meu destino. Não é peor sorte ser arrancada repentinamente da vida quando se está no vigor da edade do que ver chegar a morte passo a passo.

—D'onde lhe veem essas tristes ideias? perguntou Holmes ancioso.

—Então, respondeu a condessa, conhece muito bem as minhas antigas relações com o partido revolucionario. Julga que este me perdoou a minha ligação com o principe Kutusoff?

—Ah, sim, Kutusoff, disse Holmes admirado, onestá esse governador de S. Petersburgo que antigamente era tão temido? Não se dizia que tinha cahido na desgraça?

—Assim se diz, mas é na realidade quasi tão poderoso como antigamente. De resto ja não mora em Petersburgo mas sim em Paris. Mas deixemos de fallar n'esse assumpto, pois mesmo na minha casa as paredes teem ouvidos.

A ceia tinha terminado; os hospedes da condessa tinham deixado a sua e os criados tinham sahido. A respeito do russo, o auctor do mysterioso apparelho, já não havia vestigios d'elle.

Tinha-se ido embora logo em seguida a ter recebido o seu honorario, com os dois criados que o ajudavam a levar o chinez e o mechanismo.

—Bom, disse a condessa voltando-se para o seu ultimo hospede, agora vamos verificar passo a passo todos os quartos, para poder ir para casa tranquillo. Wanda! gritou ella para o quarto contiguo, ainda está ahi?

—De certo, respondeu a dama de companhia rindo-se, espero até que o meu quarto seja tambem revistado por esse nosso perspicaz amigo, e que elle depois me acompanhe a casa de minha tia.

Todos os quartos da casa, installada principescamente, foram revistados minuciosamente, todos os armarios abertos. A senhora Aproxin até abriu os cofresinhos da sua commoda.

—Parece-me, disse finalmente a condessa, que nos podemos contentar por agora. Peço-lhe que acompanhe agora Wanda a casa da sua tia, para poder fechar á chave a minha habitação.

Quando chegou á rua Sherlock Holmes deitou um ultimo olhar para as janellas da condessa. Um sentimento extranho se apossou d'elle. Se fôsse verdade ser essa a ultima vez que elle via a linda mulher! Se a desgraça que sempre entrava nas casas, onde Ling Tong se apresentava, tambem devesse fazer a sua entrada n'esta!

—Qual a razão d'essa tristeza? perguntou a joven russa, rindo, que se tinha suspenso do seu braço.

—Não sei, respondeu Sherlock Holmes. Tenho o presentimento de que se commetterá um crime. Não devia ter deixado a condessa sosinha esta noite.

—Oh, exclamou Wanda Apraxin, de certo a condessa contagiou-lhe o medo de espectros; parecia-me que poderia estar tranquillo depois de ter revistado a casa inteira. Sabe, continuou ella vivamente, que tambem tem em mim uma sua grande admiradora?

—Isso é novo para mim, respondeu o afamado policia sorrindo; dá-me licença que pergunte em que mereço a sua admiração? Se bem me lembro, encontrei-me só duas ou tres vezes comsigo.

—Sim, pessoalmente, mas os seus successos sem egual são-me conhecidos ha annos; colleccionei e estudei minuciosamente a secção dos jornaes que trata da sua pessoa. E assim estou convencida de que todos os crimes porque se interessa são decifrados.

—Tive sempre sorte nas minhas emprezas, respondeu Holmes simplesmente; mas bem sabe que os deuses são ciumentos. Quem sabe se não fiz ha pouco, n'uma coisa tão simples como foi a revista da casa, um erro grosseiro.

—Ora, exclamou a dama de companhia indignada, não esteja sempre a fallar na condessa Olitzky, porque é capaz de me fazer ainda ciumenta.

Sherlock Holmes vendo a cara vermelha de irritação da pequena dama de companhia, não poude conter o riso.

—Isso era uma conquista, disse elle, que nem em sonhos me lembrava. Mas já estamos ao pé da casa de sua tia; uma noite descançada e logo de manhã cedo os meus melhores cumprimentos á condessa.

*

* *

A senhora Bonnet levava, como de costume ás 8 horas o almoço para o quarto do seu afamado patrão.

—Vieram cartas para mim? perguntou Holmes indifferente.

—Não, respondeu a velha senhora, mas esta manhã muito cedo esteve cá um joven que se informou a que horas veio para casa.

Sherlock saltou aterrado da cadeira, e fixou a sua governante.

—Senhora Bonnet, disse elle depois. Tem visto durante longos annos entrar e sahir muita gente em minha casa. Ouviu fallar o inglez a muitos estrangeiros; notou alguma coisa extranha na pronuncia d'esse joven?

—Sim, respondeu a governante pensativa, extranhei justamente a aspereza da pronuncia, e principalmente a accentuação dos r r.

—Era russo, disse Holmes franzindo a testa e com aspecto sombrio.

—Parece-me que sim, disse a senhora Bonnet.

—Então queira Deus que os meus desejos não se tenham realisado, Harry, disse elle para o seu joven amigo que acabava de entrar no quarto. Depressa a minha sobrecasaca e o meu chapeu.

Miss Bonnet ia fallar no almoço, no qual ninguem ainda tinha tocado, quando foi interrompida pela campainha do telephone. Rapidamente empurrou para o lado o seu ajudante, que tinha corrido para o apparelho.

—Deixa disse elle com voz rouca de excitação, quero eu mesmo ouvir, porque presinto uma desgraça. Quem falla? perguntou elle ao telephone.

—O inspector da policia Gardon, foi a resposta. Estou ouvindo que me fallo com o proprio sr. Holmes; acabo de saber que em casa da condessa Olitzky aconteceu uma desgraça. Foi preciso arrombar a porta da casa porque estava solidamente fechada por dentro e a dona da casa foi encontrada morta na cama. Como soube pela senhora Apraxim que ainda hontem o senhor lá esteve, lembrei-me que esta noticia o podia interessar; até á vista, sr. Holmes.

—Preciso sahir, disse elle depois a Harry Taxon se precisar de ti, telephonarei.

E, sem esperar, pela resposta de Harry, desappareceu do quarto.

Wanda Apraxim, recebeu-o com olhos sonhadores.

—Venha, disse ella soluçando, e veja pela ultima vez essa desgraçada. Os seus presentimentos não o enganavam, tambem ella morreu.

Elle correu para o quarto da condessa.

Aqui estava estendida; aquella que tinha visto havia horas em plena vida, fria e immovel. A cara parecia a d'uma pessoa a dormir. A morte devia ter sido rapida e sem soffrimento. Com sentimentos compungentes, contemplava o cadaver; não poude descobrir nada de extranho; no quarto, nada havia que indicasse uma morte violenta, e comtudo, não podia dominar as suas suspeitas de que a condessa Olitzky havia sido ossassinada.

N'esta altura, estremeceu de surpresa; inclinou a cabeça para a almofada, onde descobriu uma nodoa d'agua muito recente. Olhou em volta, mas Apraxin tinha-se retirado do quarto por um motivo qualquer; estava só. Rapido como o raio, passou os seus dedos afilados pelo cabello farto da morta.

O meu presentimento, murmurou elle, voltando depressa para o sitio onde tinha estado.

Tinha ouvido passos no quarto contiguo. Wanda Apraxin voltava.

—Já mexeu alguem no cadaver? perguntou elle d'uma maneira indifferente.

—Não, respondeu a russa, entrei para este quarto juntamente com os policias que arrombaram a porta, e aqui não entrou ninguem extranho, por isso sei, ao certo, que pessoa alguma se approximou do cadaver.

—E o que dizem os policias? perguntou Holmes.

—Que foi uma apoplexia, respondeu a dama de companhia que estudava attentamente as feições d'aquelle homem severo.

Holmes ficou pensativo durante um momento, depois parecia que tudo estava esclarecido para elle.

—Vá immediatamente a Scotland Yard, ordenou elle á russa, e diga ao inspector Gordon que tenha a bondade de vir cá já; diga-lhe tambem que se commeteu um crime em casa da condessa Olitzky.

A dama de companhia recuou, dando um grito de horror.

—Por amor de Deus, o senhor está laborando n'um horrivel erro; sabe perfeitamente que a condessa se fechou á chave e pretende que se tenha commettido um crime.

—Saia, gritou Holmes, e faça o que lhe disse.

Com os membros tremulos e com a cara onde se lia o medo e o horror, afastou-se a rapariga.

—Ainda tenho alguns minutos que devo aproveitar, murmurou Holmes.

Sem fazer mais caso do cadaver, fechou todas as portas rapidamente, e n'um momento estava na toilette da defunta, onde se encontravam como elle sabia, todos os papeis importantes e todas as suas joias.

As gavetas não estavam fechadas á chave; depressa as abriu e com olhar furtivo verificou o conteúdo.

—Esteve aqui alguem antes de mim, murmurou elle; estiveram procurando um determinado objecto, e este deve ter sido um documento importante. Verificou as outras caixas. Nas joias parecia que não tinham mexido.

—Mas não, interrompeu elle o seu monologo; aqui está um estojo vazio, onde se achava, se não me engano, o precioso broche que a condessa recebeu ha pouco tempo de presente do seu amante o principe Kutusoff.

Elle, que estava á escuta, pareceu ouvir ao lado passos silenciosos. Rapidamente fechou a gaveta e abriu com força a porta do quarto contiguo, para se certificar se era espreitado, mas não descobriu ninguem.

—Gostaria bem saber onde está Apraxin com o inspector, murmurou elle; aqui já não tenho tempo a perder.

Cuidadosamente passou aos quartos proximos; os seus olhos estavam em toda a parte, mas nada tinha sido posto fora do seu logar desde a vespera á noite. As cadeiras estavam como as tinha visto na noite anterior. Nenhuma janella nem porta estavam abertas.

Era ainda um enygma completo, como tinha o criminoso entrado na casa da condessa, que se fechara por dentro.

Assim, chegou tambem ao quarto da dama de companhia. Um perfume extranho notou aqui, o mesmo que na vespera surprehendera em Wanda Apraxin. Como tinha feito nos outros quartos, deixou vaguear n'este os seus olhares por toda a parte. Estava tudo na melhor ordem. Apenas o cobertor de seda acolchoado que estava em cima da cama, parecia ter sido mexido desde a noite anterior. Pensativo, parou Holmes deante da cama.

—Tenho a certeza, disse elle, que esta prega hontem á noite não existia quando sahi do quarto com a russa. Com todo o cuidado destapou a cama para ver se ali encontrava vestigios suspeitos.

—Não, disse elle, o assassino tnmbem não se poude esconder aqui.

Mas de repente estremeceu como se fosse mordido por uma cobra. O seu olhar perspicaz descobriu um pequeno trapinho que estava pendurado na extremidade da coberta. Tirou-o e verificou-o minuciosamente.

Perdido em pensamentos, ficou parado no meio do quarto, olhar fixo no objecto de tão pequena apparencia, que tinha na mão.

—Se eu soubesse se alguem esteve aqui a informar-se da saude da condessa esta manhã, iria mais longe nas minhas investigações atraz do assassino. Muito me enganaria se não foi n'este quarto que estiveram. Mas estou a ouvir Gordon na escada. Vamos a vêr o que elle me diz.

Depressa correu para o quarto da condessa, e, em seguida, entrou o inspector juntamente com a dama de companhia, que estava quasi sem respiração.

—O que ha de novo, meu caro sr. Holmes? disse-lhe este funccionario, que parecia estar aborrecido por ter sido incommodado tão cedo.

—Não me disse, sr. Gordon, que a condessa Olitzky tinha morrido d'uma apoplexia?

—De certo, com quanto os seus olhos desconfiados tenham descoberto que n'este quarto fechado por si, se tenha commettido um crime.

Holmes, nada replicou, mas encaminhou-se para a cabeceira da cama.

—Vê ali aquella pequena nodoa na almofada?

O inspector inclinou-se e olhou pensativo para a nodoa, depois encolheu os hombros e endireitou-se.

—Que quer isso dizer?—replicou elle, ligando pouca importancia,—quem sabe do que provem esta nodoa e ha quanto tempo está aqui. Quer porventura constituir uma prova de assassinio d'isso?

—De certo que sim, respondeu o afamado policia em voz alta.—Se verificasse mais de perto essa nodoa, descobriria que provem de sangue e que ainda não está secco.

—A senhora Apraxin de certo nos poderá dizer d'onde vem essa nodoa, disse Gordon.

—Isso com certeza não pode exclamou Holmes com voz penetrante, porque me afiançou ha apenas um quarto d'hora, que depois de ter entrado na sua companhia n'este quarto, nenhum outro extranho o fez. A nodoa é d'esta noite e tem apenas 5 horas.

—Então era preciso que o assassino se tivesse deixado fechar á chave, disse Gordon com ar de troça, e isso parece quasi impossivel, depois do senhor, o afamado policia de Inglaterra, ter revistado as casas todas, pouco antes da condessa ter fechado a porta á chave.

—Por emquanto, tenho de acceitar essa censura disse Holmes em tom severo mas agora voltemos outra vez ao pé do cadaver.

«Apalpe aqui, no occipital da condessa.

O inspector fez o que Holmes lhe pediu, mas viase-lhe na cara que o fazia contra vontade, porque não partilhava da mesma opinião de Sherlock Holmes. De vagar poisou os dedos no logar indicado, mas, no mesmo instante, retirou-os aterrado.

—E agora perguntou o afamado policia, que diz a isto?

«Ainda acredita que fosse uma apoplexia ou já mudou d'opinião?

Attentamente, Gordon observava os seus dedos. Elle era um dos officiaes mais competente de Scotland Yard, e era infatigavel quando encarregado de qualquer missão.

—Digo, respondeu elle, que mais uma vez tem razão, e que fui muito superficial.

—Ainda bem, exclamou SherlockHolmes, que se convenceu d'isso, mas o polen não está ainda perdido. O que descobriu, é importante para mim ouvil-o da sua boca.

—Primeiramente vi que o cabello da defunta está humido, e parece que alguem o limpou de sangue.

—Tambem é essa a minha opinião, disse Holmes approvando, mas continue.

—Depois encontrei muito bem disfarçada com o cabello, uma pequena ferida muito recente, e que apenas fez vermelha a ponta de um dos meus dedos. Não é facil de comprehender como se fez aquella ferida, nem como provocou a morte na condessa.

—Já lhe vou dizer, meu caro amigo. O assassino introduziu-se no quarto da condessa, depois de se certificar que ella estava dormindo. Sei mesmo onde elle se escondeu, e o seu esconderijo, continuou elle fixando o Apraxin, foi tão extranho, que estou desconfiado da minha revista á casa.

A russa fez-se livida como a morte, mas não mudou de physionomia.

—Está a despertar a miuha curiosidade, disse elle, friamente; pensei que á sua perspicacia nada escapava.

—O assassino, continuou Holmes, quebrou com um instrumento muito bicudo, talvez com um martella, o craneo da condessa. Uma pancada d'esse extranho instrumento, foi o bastante para a matar instantaneamente.

—E qual terá sido o motivo porque assassinaram essa linda mulher que decerto não tinha inimigos, disse o inspector da policia.

—Talvez o saiba, senhora Wanda? disse Holmes á joven russa.

Esta encolheu os hombros, mas fitou firmemente o policia, com os seus grondes olhos pardos.

—Como poderia eu saber esse segredo, se mesmo o senhor anda na escuridão, disse ella então.

«A condessa tinha uma extensa correspondencia; talvez essa pudesse lançar alguma luz n'isto.

—Poderia dizer-nos, perguntou de novo á dama de companhia, se veio hoje cá alguem informar-se da saude da condessa?

—Na minha presença, não, disse ella com voz firme.

—Então quem era esse homem, interrompeu o inspector, que desceu a escada quando eu sahia com os meus empregados e que levava uma pequena mala na mão?

«Parece-me que lhe disse algumas palavras.

—Ah! respondeu indifferentemente a russa, foi o nosso compatriota, que hontem á noite exhibiu Hing Tong.

Uma exclamação de grande satisfação resoou. Era Sherlock Holmes que a tinha soltado.

—O quê, disse Apraxin indifferente, julga por ventura que foi esse artista que commetteu o assassinio? Então tel-o-hia de certo descoberto quando passou revista ás casas.

—Não, respondeu Holmes emquanto que o seu rosto pallido se tornava vermelho; não foi elle o assassino, menina Apraxin; mas então o que fazia elle aqui esta manhã?

«Supplico-lhe que me diga a verdade; a minha fama de policia está em risco; diga-me o que queria aquelle homem?

A dama de companhia hesitou um momento. Os seus olhos faziam um esforço para ler nos do policia.

—Meu Deus, disse ella então, porque encara isso por uma forma tão tragica? Porque não hei de dizer a verdade?

«Esse homem veiu simplesmente buscar a rodagem do seu automate, que hontem não poude levar para casa porque não veiu o seu criado.

«Acredita agora que tenha dito a verdade?

—Sim! exclamou Holmes muito alto, disse a verdade; mas o que aconteceu então para que eu não tivesse visto hontem á noite a mala? Sabe muito bem que revistei minuciosamente a casa inteira.

Mais uma vez a dama de companhia lançou um olhar extranho a Holmes.

—O nosso compatriota julgou que a malla não podia ser guardada melhor do que na minha cama, e foi por isso que não descobriu nada.

—Mas porque não me informou d'isso nem á condessa?

Wanda Apraxin, ria-se com ar de troça.

—Porque só procurava um assassino, ou para melhor dizer, uma pessoa que podia ser perigosa para a condessa durante a noite. Ou talvez julgue que n'aquella pequena mala, que não era maior do que a mallasinha com estojo de viagem da infeliz condessa estava escondido o assassino?

—O que eu julgo miss Vanda, respondeu Holmes, por emquanto não o direi. Apenas lhe digo que teria dado ordem immediata da sua captura como cumplice do assassino, se não me tivesse dito a verdade.

«Veja este trapinho; encontrei-o pendurado na sua coberta de cama. Provem do cofre onde estava encerrada a rodagem do automato.

Wanda Apraxin ergueu-se rigida; as narinas tremiam olhando furiosa para o policia. Depois voltou-lhe as costas e dirigiu-se ao inspector Gordon.

—Espero, disse ella, que agora me poderei ir embora, ou tambem o senhor tem perguntas a fazer-me?

—Não, respondeu Gordon, olhando de revez para Sherlock Holmes acho que se poderá ir embora.

Como uma rainha offendida, a dama de companhia sahiu do quarto.

CAPITULO III

O delinquente

—E que fazemos nós agora? disse baixinho o inspector de policia para o seu velho amigo.

—Em primeiro logar leve consigo todas as joias que encontrar nas gavetas d'essa comoda. Parece-me que mão extranha já passou por aqui.

—E os documentos que estão aqui dispersos? perguntou Gordon.

Com um sorriso de mofa, indicou Holmes a chaminé... Chegamos tarde de mais; tudo que nos poderia interessar, foi queimado pelo assassino. Elle foi mesmo tão cuidadoso que desfez a cinza em pó, para que se não pudesse com auxilio chimico fazer apparecer as letras do papel queimado.

«Bom, disse elle depois do inspector ter guardado comsigo as joias; agora deixe aqui um dos seus agentes de sentinella, e depois vamo-nos embora; o resto lhe direi pelo caminho.

Chegados á rua, olhou Holmes cuidadosamente para todos os lados, depois disse baixinno para o inspector:

—Com a pressa, levou comsigo um estojo vasio, no qual esteve até hontem á noite uma joia cravejada de diamantes, que representava uma corôa de principe. Todos os arcos interiores estavam cravejados de rubis, e todas as outras pedras eram brilhantes. Era uma joia principesca, que tambem veio de um principe. Se tivermos a felicidade de descobrir o ladrão, poderemos então ver mais claro n'este caso, porque devo confessar-lhe, caro Gordon, ainda não sei ao certo quem foi o auctor.

—Tambem para mim é um enygma como o homem ponde introduzir-se; porque devemos pôr de parte a mallasinha.

—Deixemos por emquanto fóra do jogo a rodagem, respondeu Sherlock Holmes, mande immediatamente telegrammas para todos os postos de policia, para informarem todas as casas de penhores e joalharias do desaparecimento da joia. E agora, passe muito bem, estarei todo o dia em minha casa, no caso de precisar do meu auxilio ou quizer dar-me informações importantes.

Com um aperto de mão, separaram-se os dois homens, que tantas vezes já, acontecimentos tragicos tinham juntado.

Sherlock Holmes, chegando a casa, não fez caso dos olhares reprehensivos de Mrs. Bonnet, que ainda esperava com o almoço; tambem não reparou que o seu dedicado ajudante Harry Taxon o perseguia com olhares interrogativos.

Sem parar, andava no quarto d'um lado para o outro, emquanto deitava nuvens densas do seu inseparavel cachimbo.

De vez em quando, deitava-se na sua cadeira de braços, para meditar sobre o mysterioso assassinio.

De repente pareceu ter uma ideia feliz; foi buscar d'entre as suas mallas, uma que tinha pouco mais ou menos o tamanho d'aquella onde o russo guardara a rodagem, Com uma fita metrica, mediu minuciosamente a parte de dentro da malla. Por fim ficou de pé deante da malla, perplexo.

—E' impossivel, murmurou elle, de todo impossivel, só se...

Foi interrompido na corrente dos seus pensamentos, pela campainha da porta da casa; era já tão tarde, que não poude reconhecer no espelho, construido por elle proprio, e que lhe mostrava todas as pessoas antes de lhe entrarem em casa, a pessôa que acabava de tocar á campainha.

Harry Taxon tinha corrido a abrir a porta, e em seguida ouviram-se passos pesados a correr pela escada a cima.

Com força foi aberta a porta da casa e um homem com o fato todo rasgado, sem chapeu e com as mãos tintas de sangue, e com a respiração offegante, entrou no quarto onde estava Holmes.

—Tom Ryder, exclamou elle muito surprehendido, o que o traz por cá n'esse estado?

O interrogado levou tempo a fallar estava extenuado da corrida que tinha feito e parecia estar sem respiração.

Acceitando o convite do policia, deixou-se cahir para cima d'uma cadeira.

—Sim, disse elle com esforço, sr. Sherlock Holmes com certeza não imaginava no dia em que os nossos antigos companheiros o queriam deitar para os subterraneos, e que eu ainda cheguei a tempo, que viria tão cedo buscar os seus agradecimentos. Sabe d'onde venho agora?

—De certo, respondeu Sherlock Holmes, que o tinha examinado com olhares rapidos, vens directamente da esquadra de policia, d'onde fugiste.

—E' isso mesmo, respondeu simplesmente Tom Ryder, mas o motivo porque me prenderam e me puzeram a ferros, não sabe. Mas não se incommode a pensar; já lh'o vou dizer em poucas palavras, e depois se não disser que o seu amigo Hordon é um perfeito burro, não quero mais beber nem uma gotta de brandy.

Tomou a respiração profundamente, depois continuou:

—E' preciso que saiba, Sir, que sou o assassino da condessa Olitzky; ora, ria-se, sr. Holmes, mas veja os meus pulsos, por ahi pode ver como o caso foi serio para mim e ainda o é. Mas vou começar pelo principio.

«Esta manhã, como passasse por uma rua bonita, vi o senhor que entrava a toda a pressa para uma casa elegante. Ah! pensei logo, aqui ha outra vez um trabalho para o meu afamado amigo. Curioso, aproximei-me da casa e queria olhar para dentro, quando sahiu pela porta fora uma joven senhora e correu pela rua abaixo. Não quero dizer que ia a fugir, mas de certo tinha de fazer um recado com pressa. Como passou assim a toda a pressa por pé de mim, vi que tinha perdido um objecto brilhante: pensei primeiramente que era uma fivella do cinto, e ia deixar no chão o objecto quando de repente vi um scintillar e um brilho tão forte que disse comigo: Tom Ryder, de certo vale a pena abaixares-te. E o que havia eu encontrar? Um broche de brilhantes em fórma d'uma corôa.

«Até á tarde meditei o que devia fazer com elle; por fim fui a um joalheiro para revender.

«O que julga que este fez comigo? Mandou-me prender por um policia que precisamente passava n'essa occasião, que me levou para Scotland Yard.

«Bom, digo eu, Tom Ryder tens hoje pouca sorte; de certo durante algumas semanas os teus amigos não te verão, mas julguei que ia ter uma apoplexia quando o inspector Gordon me declarou que o broche pertencia á herança da condessa Olitzky que foi assassinada a noite passada.

«Senhor Gordon conhece infelizmente tão bem como o senhor a minha vida agitada; sabe sobretudo que a faca me vem muito facilmente á mão, e por isso fez simplesmente troça de mim quando lhe contei como cheguei a possuir o broche. Então comecei a fazer me furioso e queria defender-me energicamente das suas accusações, quando me mandou pôr umas algemas e seguir para uma cella.

«Mas como estou sempre preparado para essas pequenas briucadeiras, n'uma hora tinha adquirido a minha liberdade. Não foi muito facilmente, como bem vê senhor Holmes, mas sempre o consegui. E agora estou aqui para fallar comsigo.

—Fizeste muito bem n'isso respondeu o policia, que de vez em quando, durante a narrativa do seu conhecido do mundo criminoso, sorria-se com ar de troça.

—Sei, senhor Holmes, tomou Tom Ryder outra vez a palavra, que não me julga o assassino da condessa Olitzky, e por isso lhe peço para se interessar um pouco pela minha causa e ajudar o seu amigo Gordon a encontrar o verdadeiro assassino, porque sabe muito bem quando a policia julga ter um assassino na mão, não o larga tão depressa.

Sherlock Holmes deitou uma graude nuvem de fumo para o ar.

—Sim, disse elle depois tranquillamente, vou fazer-te esse favor, mas em troca exijo de ti um serviço.

Admirado, Tom Ryder olhou para o afamado policia.

—Tudo o que quizer, disse elle rapidamente, a unica coisa, que lhe peço é que me livre das garras d'esse sr. Gordon, que, por sua vontade, já me mandava amanhã cortar a cabeça.

«Então o que quer que faça?

—Voltar immediatamente, respondeu Sherlock Holmes, e apresentar-te ao sr. Gordon.

—Com os diabos, gritou Tom Ryder, correndo para a porta, safo-me da chuva para me deitar na caldeira; se não me pode dar melhor conselho, não valia a pena ter-me raspado da sombra e vir aqui.

Sherlock Holmes encolheu os hombros e poz tranquilamente uma perna em cima ds outra.

—Se tens tanta confiança em mim, então é preciso seguir os meus conselhos cegamente. O verdadeiro vestigio do assassino já descobri eu, mas, para alcançar exito, ninguem deve desconfiar que não és tu o assassino, nem mesmo o sr. Gordon; deixa então que te julguem o assassino, e em quinze dias espero ter descoberto o verdadeiro auctor e assim poder tirar-te da tua desagradavel posição.

Tom Ryder coçou atraz das orelhas sem saber o que fazer; não se sentia muito bem dentro da sua pelle.

—Bom, disse elle por fim, e depois d'alguma meditação, tenha confiança em si; não tem á mão alguma coisa que se beba? tenho a garganta secca da aventura de hoje.

A um signal do seu mestre Harry Taxon, trouxe uma meia garrafa de brandy, que Tom Ryder despejou em poucos instantes.

—Bom, disse elle com um profundo suspiro, agora vou pôr-me a caminho para sr. Gordon, mas deixei-me dizer que quando para cá vim esperava outro conselho seu. Não quer ao menos ir entregar-me ao seu amigo?

—Bôa ideia, respondeu Holmes condescendente, talvez seja melhor assim. Mas deves dar-me licença de te levar algemado no nosso passeio para Scotland Iard.

—Seja, se assim o quer.

O policia pegou n'uma cadeia d'aço, e pol-a em volta do pulso direito do antigo salteador e acompanhou-o ao posto principal da policia.

Era de prever que alguns transeuntes observassem este par desegual, principalmente porque o policia não se tinha dado ao trabalho de esconder a corrente.

Já não faltavam cem passos para chegar ao portão principal, quando de repente Holmes parou.

Ali, em frente ao edificio andava para um lado e para o outro vagarosamente um homem; não escapou á prespicacia de Sherlock Holmes que elle lançava olhares prescrutadores em volta de si, e que agora se fixavam n'elle e no seu companheiro. Não havia duvida; era o apresentador e dono do automato maravilhoso.

—A coisa vae em bom caminho, murmurou Holmes quando chegou com Tom Ryder junto do edificio.

—Ora graças a Deus, exclamou o inspector de pelicia quando viu entrar no gabinete o seu amigo Holmes e o seu preso; já estavamos desolados por se nos ter escapado o assassino.

«Na verdade tem mão feliz?

—Isso tambem diz Tom Ryder, respondeu Sherlock Holmes, mas agora só lhe posso dar o bom conselho de o guardar melhor.

«Sabe mais alguma coisa acerca do assassioni? continuou elle depois de terem levado o preso.

—Nem a mais pequena coisa, respondeu mr. Gordon um pouco embaraçado.

«Continua a ser um mysterio como o homem entrou em casa da condessa Olitzky. De certo não lhe fez pelo caminho confissão alguma?

—Não, respondeu Holmes, deixo tudo ao cuidado da sua perspicacia. Mas agora, adeus, ainda tenho muito que fazer.

Holmes dirigiu se com vagar para casa. O russo que tinha visto ha pouco, desapparecera; de certo tinha ido levar a noticia aos seus amigos de que afamado policia de Londres acabava de levar preso o assassino da condessa Olitzky.

Defronte de sua casa encarou com um mancebo que podia bem ser, conforme a descripção de mrs. Bonnet, o mesmo que esta manhã se tinha informado d'elle.

—Tenho uma carta para lhe entregar, sr. Sherlock Holmes, disse o estranho ao notavel criminalista.

A pronuncia d'essa phrase provou logo a Holmes que era russo.

Chegado a casa, leu Sherlock Holmes as seguintes linhas:

«Mr. Sherlock Holmes,

«Se quer ter informações acerca dos antecedentes da condessa Olitzky, do seu comportamento e das suas acções em Londres, tenha a bondade de ir esta noite ás 11 horas a Regent Bridge onde o espera um barco. Não tenha receio. Se tiver em seu poder alguns documentos pertencentes á condessa, pede-se para os trazer comsigo.»

«O comité dos compatriotas russos.»

Durante algum tempo meditou Holmes se devia acceitar este convite ou simplesmente fazer de conta que não o tinha recebido.

Uma das coisas era tão perigosa como a outra. Lembrou-se dos casos de apoplexia de que eram victimas as pessoas onde o russo tinha apresentado o seu Hing Tong; para elle não havia duvida que em todos esses casos havia crime e que o dono de Hing Tong tinha a mão no jogo.

Portanto decidiu-se a acceitar o convite, acontecesse o que acontecesse. Tambem não queria levar arma nenhuma, porque só poderia ser perigoso para elle, dada a superioridade que de certo encontraria.

Mas que queria dizer o comité dos compatriotas russos com os documentos que devia levar? Elle não tinha nem cartas nem outros documentos da condessa Olitzky.

—Com certeza juntam-se ali todos os fios relativos aos assassinios, disse elle comsigo. Se chego a saber alguma coisa do comité ácerca das relações da condessa Olitzky, isso muito me ajudaria a descobrir o assassino; vou portanto em todo o caso.

Foi-se embora depois de ter prohibido expressamente de o seguir.

—O caso é de todo inoffensivo, respondeu elle ás objecções de Harry, e mesmo que fosse perigoso, tu nada podias valer-me hoje; mas tenho a certeza de que pela manhã estarei de volta de perfeita saude.

A noite estava escura e chuvosa; apenas poude descobrir o barco no logar indicado. Emquanto olhava ainda incerto, dirigiu-se para elle um forma humana, que evidentemente tinha uma barba postiça e uma mascara, porque só lhe poude descobrir os olhos. Elle já devia ser conhecido d'este mysterioso homem, porque apenas o viu, fez um signal ao arraes, e com um gesto, convidou o nosso amigo a tomar logar no barco.

Os homens remaram rio abaixo, e esforçavam-se por attingir a margem opposta.

Era um sitio muito mal frequentado e bastante longe da City, por detraz da doca Royal.

Emfim chegaram a um logar pouco accessivel onde abordaram, e Holmes para não se molhar, teve que dar um grande salto.

—Deixe-se ir ao meu lado, disse o guia, que durante todo este tempo não tinha fallado; estamos quasi chegados.

O caminho ia dar a umas ruas muito estreitas e tortuosas; não foi possivel a Holmes distinguir os letreiros das ruas, porque a maior parte dos candieiros d'este sitio duvidoso, já estava apagada. Finalmente o desconhecido parou em frente d'uma casa de insignificante apparencia, a cuja porta bateu d'uma ma-

neira especial. Esta abriu-se sem ruido, e os dois homens entraram.

CAPITULO IV

Condemnado á morte

Profunda escuridão os envolvia. O guia, que parecia conhecer tudo isto muito bem, pegou na mão de Sherlock Holmes e arrastou-o rapidamente comsigo. O que o policia poude descobrir foi que passaram por um comprido e estreito corredor, até chegarem outra vez a uma porta que já estava aberta.

—Vamos descer quinze degraus, disse baixinho o extranho guia a Sherlock Holmes, e essa observação foi a tempo, porque sem ella decerto Holmes teria quebrado a nuca n'estes degraus estreitos e muito gastos.

Agora entrou para um subterraneo illuminado por um archote preso a uma argola. A porta fechou-se atraz d'elles.

Depois de Sherlock Holmes se ter habituado á luz, viu-se então n'um compartimento abobadado, cujas paredes estavam guarnecidas de emblemas revolucionarios, caveiras e armas.

A uma mesa muito simples, estavam sentados quatro homens, que tinham a parte superior do rosto tapado com uma viseira, emquanto que a inferior estava disfarçada com uma barba negra e densa.

O guia deu-lhe uma cadeira que estava enfeitada por uma forma estranha, de ossos humanos, e sentou-se ao seu lado, tal qual como um guarda de prisão deante da justiça a que tivesse levado um preso.

O policia não poude reprimir um sentimento de pavor; comprehendeu que a sua vida estava nas mãos d'esses homens, que o podiam assassinar e enterrar, sem que o policia, mesmo o mais perspicaz, pudesse descobrir o seu paradeiro.

—E' um amigo da condessa Olitzky? perguntou um dos quatro homens, que parecia ter tomado a presidencia.

—Amigo, é demais, respondeu Holmes; tive occasião ha annos de conhecer mais de perto a condessa, quando residia em S. Petersburgo.

—De certo a condessa fallou lhe das suas relações com o principe Kutusoff? continuou o desconhecido a perguntar.

—Sim, respondeu Holmes, sei que elle foi amante da condessa.

—Não sabe se elle o foi até ao ultimo dia da sua vida?

—Não; em summa, não me occupava com os namoros da condessa, respondeu o policia.

—Trouxe os papeis que recebeu da condessa Olitzky?

—Nunca recebi cartas ou outros documentos da condessa.

—Então, entregue-nos os papeis que tirou esta manhã da gaveta, em casa da condessa Olitzky.

O policia levantou-se indignado, as suas faces tornaram-se vermelhas de colera.

—Acusam-me aqui d'um roubo, exclamou elle n'um tom ameaçador.

—Roubo ou não, gritou o desconhecido indignado.

«Não quererá negar que procurou papeis na commoda; papeis que são para nós da maior importancia.

—Dou-lhes a minha palavra, respondeu Sherlock Holmes, que nem busquei documentos, nem levei comigo nenhuns. Encontrei esta manhã na chaminé restos de papeis queimados; talvez, entre estes, se encontrem os documentos a que se quer referir.

—Não, respondeu o presidente do comité, isso eram papeis de pouca importancia.

Sherlock Holmes estremeceu de surpresa.

—Ah! exclamou elle, se conheceu esses papeis e o seu conteudo, entrou o senhor ou os seus cumplices em casa da condessa antes da chegada da policia, e verificaram os papeis. Como poderia saber d'outra maneira se elles eram importantes ou não?

Durante um minuto, fez-se um profundo silencio.

O homem que fazia aqui d'uma especie de juiz, estava visivelmente consternado; via que tinha commettido um erro.

—Deve ser-lhe indifferente, disse elle por fim, de que modo chegamos a saber isso; quero crêr que não nos quererá acusar de assassinos da condessa Olitzky?

Todos os olhos estavam dirigidos anciosamente para o policia, mas este não proferiu palavra.

—Estou convencido de que não é essa a sua intenção; de resto, continuou o presidente n'um tom aspero, já prendeu o assassino da condessa esta tarde, não se esperava outra coisa do mais afamado policia de Inglaterrá.

—Estão enganados, disse elle com sangue frio e sem medo, a pessoa que entreguei esta tarde á policia, não era o assassino da condessa Olitzky.

Com satisfação observava a impressão que tinham feito as suas palavras. Todos ficaram pasmados como estatuas. A declaração de Sherlock Holmes foi de certo uma grande desillusão para elles.

—Então de certo já descobriu outro indicio? perguntou o presidente com voz incerta.

—Encontrei, respondeu o policia em tom firme.

—E onde julga que se pode encontrar o auctor? continuou a perguntar o presidente.

—Entre os senhores, exclamou Holmes sem se importar com as consequencias que podiam surgir d'essa declaração.

Como electrizados, saltaram todos das suas cadeiras, tendo cerrado os punhos involuntariamente; o policia sentiu a respiração offegante sahir de todos

aquelles peitos. O unico que parecia estar mais sereno, era o presidente do comité.

—Se nós o tivessemos feito, gritou elle com voz tremula de excitação, tinhamol-o feito para nos defendermos; sabemos que a condessa Olitzky ainda era a amante do principe Kutusoff, o terrivel governador de Petersburgo; que veiu para Londres por causa d'elle, a fim de travar relações com os compatriotas que residem aqui e para os denunciar a Kutusoff.

Tambem sabemos que ella tinha uma lista minuciosa dos patriotas que podiam ser perigosos para o governo russo e para o imperador; por fim, soubemos que o principe Kutusoff, actualmente em Paris, queria aproveitar essa lista para obter outra vez a clemencia do Czar.

Com o nosso sangue, queria esta patifa abrir mais uma vez caminho para essa clemencia.

«E nós deviamos hesitar um momento que fôsse em afastar essa horrivel cumplice por meio de assassinio? Nós chamamos a isso defesa.

Sherlock Holmes tambem tinha saltado da sua cadeira.

—Isso chama-se apenas um assassinato, gritou elle, infame assassinato para que não ha desculpa. Apresente-me provas das suas affirmações. Onde está a lista dos conspiradores? Emquanto não m'a apresentarem, não acreditarei na cumplicidade da condessa Olitzky.

—Ah!, exclamou o presidente, como preso d'uma inspiração repentina, o senhor era o cumplice da condessa: pelo tom triumphante da sua conversa, comprehendi que a condessa lhe tinha, ella propria, entregado o documento, ou que então o roubou depois da sua morte, como já o affirmámos.

—Já lhes dei a minha palavra d'honra que nada sei a respeito d'esse documento, disse elle.

—De que nos serve a sua palavra d'honra; sabe perfeitamente que já não sahirá d'aqui com vida.

Sherlock Holmes riu-se ironicamente.

—Devia ter-me logo convencido de principio, o que tinha a esperar de assassinos.

O presidente voltou-se para os seus cumplices.

—O que merece este homem que foi cumplice da nossa mortal inimiga?

—A morte! responderam todos, como se fosse uma so voz.

«A morte pela bomba!

Sherlock Holmes perdeu por um minuto o sangue frio; sabia que não lhe viria soccorro de parte alguma; ninguem poderia adivinhar onde elle estava n'este momento. Esta casa não era habitada, e assim podiam os compatriotas russos exercer, sem serem incommodados, a sua vingança. Mas depois teve um gesto de desespero. Se, ao menos, tivesse o seu revolver, mais do que um o teria acompanhado para as sombras da morte. Mas não tinha elle braços e pernas robustas para poder bater-se? Não podia elle com as suas mãos fortes esganar um ou dois d'esses mizeraveis assassinos?

Deitou-se ao presidente, agarrou-o pelo pescoço com a mão direita e com a esquerda arrancou-lhe a mascara e a barba postiça.

—Olá! gritou elle com voz triumphante, o dono e o apresentador do automato jogador de xadrez, como já tinha desconfiado!

Mas no mesmo instante pareceu-lhe que tudo lhe andava em roda, e cahiu silenciosamente para o chão, pois tinha recebido do homem que o acompanhou no barco, uma horrivel pancada no craneo.

Quanto tempo esteve estendido no chão sem sentidos, nunca o soube.

Quando recuperou os sentidos, viu que estava sentado no meio d'uma sala, n'uma cadeira, á qual estava atado com correias. Em volta d'elle estavam cinco cumplices.

—Mereceste a morte, lhe disse o presidente, que já achava inutil pôr outra vez a barba e a mascara; —d'aqui a um quarto d'hora a bomba que está por baixo da tua cadeira, fará explosão. Esta casa chegou ao seu fim, e nós vamos a Paris visitar o nosso amigo Kutusoff; que te enterrem depois nos seus destroços!

Elle pegou no archote com que deitou fogo ao rastilho, e, com horror, viu o celebre policia como este se consumia centimetro a centimetro, emquanto os cinco assassinos se afastavam e fechavam atraz d'elles a pesada porta de ferro. Era inutil gritar por soccorro; ninguem o teria ouvido.

Reconheceu que estava tudo perdido. Ainda nunca a morte lhe tinha passado tão perto e apparecido por uma forma tão horrorosa. Se, ao menos, lhe tivessem dado uma morte rapida com uma bala, mas devia esperal-a durante um quarto d'hora.

Tinham fixado a cadeira ao chão de pedra, por forma a não se poder mecher do seu logar.

Holmes estava offegante e desalentado; tinha de se entregar á sua sorte, que era inevitavel. Agora apenas faltava um pé de distancia para a faisca chegar á cadeira.

Em cinco minutos devia haver a explosão; em cinco minutos estava acabada a sua vida.

Mas de repente uma mão agarrava a sua; era a d'uma mulher.

Um extranho perfume vinha agora até elle; mas onde tinha já notado este mesmo perfume? Ah! lembrou-se, foi hontem á noite, quando acompanhou Wanda Apraxin, a dama de companhia da assassinada. Não havia duvida; Wanda Apraxin era a sua salvadora, e tambem tinha a firme convicção de que ella era alliáda dos patriotas russos, e que sabia tudo a respeito do assassino da condessa.

Era ella melhor do que os assassinos? E era a ella que elle devia agradecer a sua salvação? Só retirou a sua mão da d'ella, quando esta lhe disse:

—Para a frente, para a frente! Em poucos minutos voltarão elles que desconfiaram de que eu queria fazer isto. Para aqui, continuou ella guiando-o por

uma escada, e agora, corra tanto quanto puder em direcção ao Tamisa; a sua vida está em jogo. Ali encontrará o barco que o trouxe para cá. Ainda um aviso: não se mostre na rua n'estes dias mais proximos, nem ás janellas da sua casa, porque está em constante perigo. E agora seja feliz e lembre-se d'uma desgraçada.

—Não deixo esta casa sem a senhora! disse Holmes, porque de certo tambem corre perigo.

—Não, não, gritou Wanda Apraxin, estou em segurança; depressa saia d'esta casa!

Ella empurrou-o, por assim dizer, pela escada n'um momento estava na rua. Para esse lado devia ser o rio; correu por ruas estreitas; já respirava o ar humido do Tamisa; a sua boa estrella não o tinha abandonado.

O barco, ali estava no mesmo sitio onde os homens que o tinham trazido da Regent Bridge para aqui, o tinham deixado.

N'um grande salto, atirou-se Holmes para dentro do barco, mas já ouvia o barulho de passos de muitas pessoas, que com certeza eram os seus perseguidores.

Não voltou para Regent Bridge, onde tinha embarcado; atravessou o rio transversalmente e foi desembarcar em logar conveniente, tomando em seguida um trem que o levou a casa a toda a pressa.

Davam justamente 3 horas da manhã quando entrou em casa.

CAPITULO V

A emboscada

—Meu Deus, mestre, disse Harry Taxon para o afamado policia, que estava a dormir profundamente em cima da cama, ainda não quer acordar, e começo a inquietar-me devéras.

Holmes abriu os olhos. Devia ter tido um sonho horrivel, porque tinha a testa inundada de suor. Como absorto, fixou o seu joven ajudante, depois vagueou o olhar em volta do quarto, como para se certificar se estava realmente em sua casa. Agora já se lembrava de tudo, e com um movimento rapido, assentou-se na cama.

—Com os demonios, exclamou dando um suspiro de allivio, julgava que estava ainda no meio d'esse horrivel comité.

—Sem duvida foi uma noite horrivel, disse Harry Taxon, que estava morto por saber a aventura do seu mestre.

—Sim respondeu Holmes, tão perto, não tinha ainda visto a morte; tão perto, que estava apenas um passo distante de mim, e já não tinha esperança alguma de salvação.

Em poucas palavras, contou ao seu discipulo o que lhe tinha acontecido, durante a noite.

—Não veiu cá ninguem esta manhã perguntar por mim? inquiriu elle por fim.

—O unico acontecimento que houve, foi que tive que pôr fóra do jardim á força um homem com um realejo; o homem tocava tão infatigavelmente as suas musicas, que Mrs. Bonnet e eu chegamos quasi a endoidecer.

Durante esta conversa, tinha-se o policia levantado e vestido vagarosamente.

—Ah, sim, disse elle espreguiçando-se, não achaste nada mais digno de nota n'esse homem?

—A unica coisa que notei, respondeu Harry Taxon, foi que rogou uma praga n'uma lingua estrangeira, quando o levei á força para fóra da porta do jardim.

—Muito bem, explicou Holmes, fizeste n'isso muito bem, meu filho.

N'isto, tocaram á campainha da porta da casa.

—Vê lá, meu amigo, quem deseja entrar.

—E' o carteiro, disse simplesmente Harry Taxon, quando voltou de ter aberto a porta.

—Vem justamente em boa occasião, disse Holmes para elle. Vae, Harry, recebel-o; estou já ouvindo os seus passos pesados na escada.

Attentamente, olhava pela greta da porta de communicação, por onde poude vêr o homem que entrava; depois, agarrou n'uma pesada bengala de carvalho que estava a um canto do quarto de dormir, abriu rapidamente a porta de communicação, saltou em cima do carteiro e deu-lhe uma tão forte bengalada no craneo, que este cahiu no chão desmaiado.

Harry Taxon deu um grito de horror.

—Mas, mestre, gritou elle com voz tremula de excitação.—está doido?—Como tem coragem de maltratar d'uma maneira tão horrivel um velho empregado?

Sherlock Holmes tinha deixado cahir no chão a bengala, e inclinou-se para o homem desmaiado, depois sorriu-se.

—Este é porventura o nosso velho amigo e conhecido? perguntou por fim.

—Não, respondeu Harry, mas provavelmente é um substituto, e talvez o nosso carteiro conhecido esteja doente.

—Vê isto, meu filho, continuou Holmes abrindo o sacco da correspondencia do supposto carteiro; aqui estão as cartas de valor que elle nos queria entregar.

Dizendo isto, tirou do sacco dois revolvers carregados com seis ballas, e mostrou-os ao amigo.

—Estes eram destinados para ti e para mim. E se não tivesse a mão tão leve, as consequencias seriam inevitaveis; reconheço que este homem é sem duvida alguma, um socio do comité que tão amavelmente me convidou, para uma visita.

Harry Taxon, ainda não se tinha refeito do susto e da surpresa.

—Mas, o que faremos agora a este patife? perguntou elle indeciso.

—Vaes já ver como elle se vae raspar outra vez,

respondeu o policia tranquilamente; deita-o pela escada a baixo para o acordar de todo, e empurra-o logo pela porta fóra.

Depois fecha a porta bem á chave e volta depressa para cima; verás depois d'aqui como logo estarão ao pé d'elle umas mãos promptas para o segurar e se occuparem d'elle. Tenho mesmo a certeza de que os seus cumplices esperam na rua para ver se o attentado sortiu effeito.

E na verdade os dois amigos viram que alguns sujeitos bem vestidos se deitaram ao supposto carteiro e o levaram o mais depressa possivel d'alli.

—Propositadamente, os patifes deixaram-nos agora em paz, disse Harry Taxon para o seu mestre, porque sabem que os estamos a espreitar.

O afamado policia teve um d'esses sorrisos ironicos habituaes.

—Deus queira, disse elle, como por emquanto não posso sahir, preciso passar o tempo distraindo-me. Tu és um distincto desenhador e pintor de caricaturas; vou buscar o cartão que sobrou da cosinha que fiz ao sobrinho da nossa querida Mrs. Bonnet, pelo natal.

«Bom, disse elle depois de Harry ter posto uma folha de papelão muito grosso em cima da mesa; agora desenha o meu retrato n'esse papelão em tamanho natural, não te esquecendo do cachimbo; quero fazer com isso uma pequena habilidade. Assentou-se n'uma cadeira e apresentou ao discipulo o seu perfil. Em poucos minutos, tinha-o passado Harry ao cartão.

Todos aquelles que tivessem visto uma vez o policia, tel-o-hiam reconhecido n'esse desenho.

—Muito bem, disse Holmes rindo-se, está perfeito. Agora recorto o meu perfil com muito cuidado, e toma cautella não cortes o cachimbo.

—O que quereria fazer com isto? perguntou Harry Taxon sorrindo-se, quererá dar esta noite um espectaculo com phantasmagoria?

—Tens razão, querido Harry, é justamente isso que quero fazer.

Espero que nos divertiremos muito com isto.

Durante quasi toda a tarde, ficou Holmes no seu quarto de dormir. Este dava para o jardim d'onde, pela manhã, Harry Taxon tinha mandado sahir o homem do realejo. O quarto de dormir de Holmes tinha umas janellas muito baixas por onde se podia, do jardim, olhar para dentro.

Quando Harry Taxon entrou á noite, por acaso, n'este quarto, ficou parado um momento, perplexo de admiração, pelos preparativos do seu mestre.

Perto da janella, tinha Holmes posto uma cadeira de balanço, em cima da qual, collocou o seu perfil recortado em cartão, e por detraz uma meza com candieiro acceso, de forma que o perfil do policia se desenhava distinctamente na cortina da janella, e nem mesmo faltava o cachimbo a deitar fumo, occasionado por uma vellasinha.

Assentado n'uma cadeira baixinha, punha o policia a cadeira de balanço em movimento com o auxilio d'um cordel; do jardim, devia fazer o effeito que Holmes estava confortavelmente deitado n'uma cadeira de braços.

—Fazes-me favor, disse elle para o seu ajudante, de te desviares para o lado; estás na mesma direcção do perfil de papelão e do candieiro, e isso pode occasionar uma desgraça. Deves-te assentar-te n'essa cadeira ao pé do fogão.

—Não o comprehendo hoje, mestre, respondeu o joven meneando a cabeça.

—D'aqui a pouco já me comprehenderás sufficientemente, mas agora ouve: conheces o meu amigo o doutor Jenkins. Se esta noite te disser para o ires chamar, corre seu replica alguma logo para casa do medico, atravessando o jardim, e gritarás com todas as tuas forças: «Pelo amor de Deus, depressa um medico; o senhor Sherlock Holmes está mortalmente ferido.»

«Comprehendeste, Harry?

—Sim, mestre, mas...

—Não ha mas, continuou logo que sahir essa ordem dos meus labios, corres immediatamente.

—E' preciso gritar pela rua toda acima? perguntou Harry anciosamente.

—Não, só emquanto atravessares o jardim; isso é bastante.

—E se não encontrar esta noite o doutor em casa? disse Harry.

—Has-de encontral-o, porque já cuidei de tudo isso.

De vez em quando, dava um puxão no cordel, e a cadeira mexendo-se, fazia com que o perfil se movesse na cortina da janella.

Assim estiveram os dois, longo tempo assentados silenciosos. Sherlock Holmes fixava o seu phantasma, Harry Taxon olhava sempre para o seu mestre.

Quebrava inutilmente a cabeça para comprehender o que significavam esses preparativos, mas não se atrevia a perguntar, porque sabia muito bem que o genial policia não o fazia sem motivo muito plausivel.

Já tinha chegado a hora a que o joven costumava cear, e ia justamente perguntar ao seu mestre se podia dizer á sr.ª Bonnet para trazer a ceia, quando viu o policia levantar um pouco a cabeça e olhar attento para o jardim.

Tambem lhe pareceu como que alguem pisava devagarinho o cascalho dos passeios do jardim. Sherlock Holmes deixou de baloiçar a cadeira n'este momento.

N'isto, um tiro acabava de soar do lado do jardim, a janella tiniu, e a cabeça de papelão tão artisticamente recortada, cahiu para o lado, attingida por uma bala.

—Agora, Harry, disse Holmes, depressa, como te disse, para casa do doutor Jenkins. Não te esqueças de gritar.

Pouco depois ouvia-se Harry a correr pelo jardim gritando:

—Por amor de Deus, depressa um medico; sr Sherlock Holmes está mortalmente ferido!

Sorrindo de contentamento, cruzou Holmes os braços e esperou assentado na sua cadeira baixa, a chegada de Harry e do medico amigo.

—Então velho amigo, disse-lhe o doutor Jenkins, o que tenho eu a fazer aqui?

—Primeiramente, andar um pouco excitado defronte da janella e d'um lado para o outro, depois inclinas-te para mim, e ligas-me a cabeça cuidadosamente como se tivesse recebido um tiro; depois poderás com o auxilio de Harry despires-me e metteres-me na cama.

Bom, disse elle por fim, e depois de estar tudo feito conforme a sua vontade, e deitado confortavelmente na sua cama. Agora podes ir-te embora outra vez.

Harry acompanhar-te-ha pelo jardim, e ali lhe poderás dizer que não passarei d'esta noite.

Depois de Harry Taxon ter ido a uma pharmacia e trazido alguns medicamentos inoffensivos, voltou para o pé do seu mestre.

—Ainda não comprehendi, disse elle para este, porque está deitado na cama com a cabeça ligada; era sufficiente ter feito acreditar aos russos no seu ferimento.

—Isso seria bastante para outros inimigos, mas não para esses sanguinarios, respondeu Sherlock Holmes.

«E' tambem preciso que elles me vejam, para saberem que estou ferido mortalmente, depois, só então me deixarão em paz, e poderei continuar os meus projectos.

—Como poderá então, fazer com que cá venham os russos; depois da recepção que fez ao supposto carteiro, de certo nenhum se atreverá a entrar já em sua casa.

—Isso está por minha conta. São agora 8 e meia horas. Se te metteres immediatamente a caminho, encontras ainda miss Wande Apraxim em casa de sua tia, Victoria Street 87. 2.º... Dize-lhe que estou a morrer e que lhe tenho uma coisa muito importante, aco mmnnicar.

Se não vier de seguida aqui, que morrerei entretanto.

—E se ella não quizer vir? disse Harry.

—Ainda melhor, porque é signal de que acredita que a minha ferida é mortal; de certo ella já terá noticia d'isso pelos seus cumplices. Executará o projecto combinado na comité com esses, e eutamben executarei o meu.

—Era melhor tratar-se e deixar em paz os russos; teve bastantes provas n'estas ultimas 24 horas para saber que são uns adversarios perigosos.

Em caminho para Victoria Street, Harry Taxou teve as mais confusas ideias.

Agora estava elle deante da casa onde morava a russa; quando lhe foi aberta a porta, já tinha estudado o seu plano. Encontrar a salvadora do seu amo em casa, isso já lhe parecia um feliz presagio.

—Venho da parte do sr. Sherlock Holmes, disse elle para a russa com voz suffocada.

Eu soube, que lhe aconteceu uma desgraça, respondeu Wanda Apraxiu que estava muito pallida.

—Morreu ha poucos minutos, mentia Harry fazendo uma cara muito afflicta.

A antiga dama de companhia deixou cahir os braços atterada.

—Então foi baldado o meu sacrificio, murmurou ella muito triste; tive tanto gosto em salval-o.

O senhor Sherlock Holmes desejava tanto ter-lhe fallado, mas amorte surprehendeu-o: elle apenas poude dizer-me que viesse aqui pedir-lhe que cuidasse de mim.

«Fui o seu ajudante durante muitos annos e auxiliei-o tambem muitas vezes nos seus negocios policiaes. O sr. Holmes julgou que talvez lhe pudesse servir de criado: venho então pedir-lhe que experimente. Talvez algum dia possa precisar da minha protecção.

—Fala francez? perguntou ella ao mancebo, como se tivesse tido uma subita ideia, ficando parada deante delle.

—Como minha mãe materna, respondeu Harry apressadamente.

—Quer seguir-me para Paris? continuou a perguntar a russa; é provavel que tenha de me esconder durante algum tempo na minha casa de Paris. Sabe que sendo russa, serei observada em Paris pela policia russa. Falo muito mal o francez, e por isso a minha pronuncia atraiçoar-me-hia logo.

—Foi sempre o meu maior desejo ir outra vez para Paris, respondeu o mancebo. Com os muitos conhecimentos que tenho de linguas, poderia fazer-lhe todos os recados, e assim pode ficar em casa todo o tempo que quizer.

O mancebo, cada vez agradava mais á russa. Na verdade podia ser-lhe de grande utilidade em Paris; parecia vir de proposito para poder manter as suas relações com os compatriotas russos e espiar algumas cousas no interesse do partido.

—Quando pode ir-se embora? perguntou-lhe ella n'um tom que denunciava a Harry que o seu plano estava prestes a obter successo.

—Logo em seguida ao enterro do meu infeliz mestre, respondeu Harry, quer dizer, d'aqui a tres dias.

—Mas isso é muito tarde; devo ir-me embora forçosamente ámanhã á noite, mas não faz mal, aqui tem a direcção d'uma familia conhecida em Paris; ahi saberá a minha morada. Depende das circumstancias, poder tel-o muito tempo ao meu serviço.

Quando Harry entrou outra vez no quarto do seu mestre, não poude eximir-se a um sentimento de triumpho; não tinha elle desempenhado muito bem o seu recado? Fez ainda mais; sabia mesmo onde se poderia encontrar Wanda Apraxin em Paris.

CAPITULO VI

A complacencia do lord

O comboio que ia com toda a velocidade de Calais a Paris e tinha tido communicação com a linha dos vapores Douvres-Calais, estava cheio de passageiros, principalmente de inglezes.

Wanda Apraxin pegou na sua bagagem de mão que era composta de uma manta de viagem, caixa de chapeus, estojo para guarda-chuva e sombrinha, e principalmente d'uma mala de mão, que não era muito leve.

—Deseja que a auxilie um pouco, disse um sujeito já edoso com barba grisalha dirigindo-se a ella; levarei a mala até á alfandega.

—Para a alfandega! disse a miss assustada; julguei que em Paris os viajantes podiam passar sem revisão de bagagem.

—De certo, concordou o amavel velho, se falla sufficientemente bem o francez e se der uma pequena gorgeta aos empregados, de certo poderá passar sem ser incommodada. Mas tem então tanto medo da revisão das suas malas? ajuntou elle sorrindo, pegando n'uma e examinando-a.

—Pelo amor de Deus não mexa n'ella, disse a russa; contem coisas muito frageis. Ficar-lhe-hia muito reconhecida se tratasse isso com os empregados da alfandega; dar-lhes-hei da melhor vontade algum dinheiro.

—Com muita gosto; a senhora é, como a sua pronuncia o iudica, decerto russa; misturam já algum tempo policias russos entre os empregados da alfandega, decerto para vigiarem os russos que emigram. Talvez algum dos seus compatriotas acceite para fazer as combinações com os empregados francezes.

—Não, por Deus! exclamou a antiga dama de companhia, puxando muito o veu para a cara; mais facilmente confio no senhor; talvez me possa fazer passar por sua mulher, se fôr necessario.

O inglez sorriu-se de contentamento, quando pegou na bagagem.

—Será para mim uma honra especial, respondeu elle, mas, ajuntou, está a tremer toda; não tenha cuidado, farei com que entre em Paris sem que haja contrariedades.

Logo que o comboio parou, a russa tomou o braço do velho, que, como não tinha bagagem, levou a da Apraxin.

Juntamente com os empregados da alfandega, havia-os á paisana que pareciam policias russos, e examinavam minuciosamente os passageiros.

O protector da Apraxin, dirigiu-se particularmente a um dos empregados da alfandega e conversou com elle por causa do despacho da mala.

Depois d'alguns minutos, estavam d'accordo, e já o official parisiense tinha posto a etiqueta de livre transito na malla, quando um dos policias russos lhe fez notar um bilhete antigo que estava collado na mala.

—O senhor vem da Russia, disse o empregado da alfandega ao sujeito já edoso, mas elegante.

—De maneira alguma, respondeu este, visivelmente admirado d'este incidente.

—N'essa mala ha um bilhete de bagagem de S. Petersburgo, disse o empregaeo.

—O que tem com isso? Não posso eu, diplomata inglez, viajar por onde quizer, ou por onde o meu governo me mande?

—Ah, meu senhor, peço-lhe mil perdões, mas este sujeito julgou reconhecer n'esta senhora uma sua conhecida de S. Petersburgo, respondeu o empregado da alfandega.

—Isso é simplesmente ridiculo; como poderia minha mulher estar em contacto com esse senhor, que decerto é um policia?

«Se não me deixa immediatamente ir embora, farei queixa ao meu embaixador. De resto sou muito amigo do principe Kutusoff, de Petersburgo, que vive actualmente em Paris como particular. Se tiver motivo para tirar informações ácerca da minha pessoa, dirija-se ao principe; aqui está o meu cartão.

O sujeito elegante, viu com surpreza que a sua companheira cambaleava como se estivesse prestes a desmaiar; amparou-a de maneira que ella teve de encostar-se toda ao seu corpo.

O policia russo, ficou visivelmente embaraçado quando ouviu pronunciar o nome do principe Kutusoff, e fez rapidamente um signal ao empregado da alfandega.

—Pode sem obstaculo passar a linha de vedação, disse elle delicadamente.

O lord inglez chamou um trem, e subiu com a senhora.

—Onde me dá licença que a acompanhe? perguntou elle quando tinha tomado o seu logar.

—Se me permitte, acompanho-o para sua casa ou para o hotel, disse ella apressadamente. Estou sendo perseguida, a policia russa observa-me e está desconfiada de qualquer coisa.

«Supplico lhe, suba depressa para o trem, porque a minha vida está em perigo.

O inglez deu ao cocheiro, em voz alta, o nome de um dos melhores hoteis, e no mesmo instante partiu o trem a toda a pressa.

—A senhora de certo é nihilista? perguntou o lord pelo caminho, fixando-a attentamente.

—Quem nos nossos tempos não é nihilista, respondeu ella com voz offegante. O que é certo é que a policia russa me conhece, e talvez tenham mandado os meus signaes quando parti de Londres para Paris. Se deseja fazer-me mais um favor, observe as immediações do hotel, e veja se não somos seguidos por um trem que pára ao mesmo tempo que o nosso.

O inglez fez uma cara severa, mas não disse palavra. Comtudo, quando pagou ao cocheiro, viu uma

segunda carruagem d'onde sahia um sujeito. Devia ser o policia russo que oppoz tantas difficuldades á sua companheira.

—Elle quer certificar-se, murmurou o inglez, se effectivamente a russa desceu comigo. Parece não acreditar muito que somos casados. O caso principia a ser interessante.

—Lord Poimrose e esposa, escreveu elle no livro dos hospedes.

Alugou dois quartos contiguos, dos quaes poz um á disposição da russa.

—Não sei, disse Apraxin, quando ficou só com o seu protector, como lhe hei-de mostrar a minha gratidão.

«Salvou-me d'um grande perigo, a mim e talvez a numerosos companheiros de desdita.

—Hum, disse lord Primrose, ainda quero fazer mais em seu favor.

Admirada, olhou a russa para elle, não podendo explicar as suas palavras.

—Anniquilarei a sua mala que tão funesta esteve quasi a ser-lhe.

—Não fará isso, meu senher, não se trata só de um segredo pessoal.

—Isso é-me indifferente, respondeu o inglez, julga talvez que não sei qual é o conteudo da sua mala? Seria possivel que eu auxiliasse, ainda que indirectamente, um attentado nihilista?

A antiga dama de companhia olhou embaraçada para a sua frente; viu-se descoberta, e sentiu que estava completamente nas mãos do ancião.

—Medite no caso, continuou este; como homem honrado, não tenho senão este caminho: ou destruir o conteudo da mala, ou entregal-a á policia.

A russa travou durante um momento um combate rude; o que devia fazer? Deitou um olhar furtivo para o inglez, para verificar se seria possivel negociar com elle. Mas a sua fronte, mostrava uma severidade inflexivel; os seus olhos tinham uma expressão tão penetrante, que ella teve que abandonar logo essa ideia.

—Entrego-lhe a malla, disse ella respirando profundamente, mas peço-lhe para interesse proprio que tenha muita cautella com ella.

—Esteja descançada; esta noite vou leval-a a uma ponte e ali a deitarei com as minhas proprias mãos no Sena. Será isso sufficiente para tornar inofensivo o seu conteudo?

O lord inglez, que entretanto, tinha tirado o sobretudo e tocado a campainha para chamar o criado de quarto, sacudiu a cabeça grisalha, approvando.

—Tão depressa não pode deixar o hotel, porque isso provocaria desconfianças. Sabe porventura se estarão lá fóra os seus inimigos que a perseguem passo a passo?

No dia seguinte, estavam os dois a tomar o café, quando bateram á porta, e um creado entrou.

—Esta carta foi agora mesmo entregue para o mylord, disse elle entregando um envelope elegante ao inglez.

Este apenas deitou um olhar furtivo á carta, depois metteu-a no bolso.

—E' do meu banqueiro, disse elle com despreoccupação, quando Wanda Apraxin olhou para elle de uma maneira interrogativa.

«Diga-me, disse elle levando devagarinho a chavena á bocca, já reflectiu onde a sua sorte a conduzirá se não se desprender a tempo dos nihilistas?

—Ora, respondeu a russa, isso sei eu positivamente: á morte.

—Sim, á morte na forca, para um fim prematuro, vergonhoso e sem honra.

—Tudo isso sei eu, mas nada d'isso me impede de levar até ao fim o meu dever.

—Bom, eu fiz a minha obrigação; avisei-a. Acredite que não será feliz aqui.

A russa fez uma cara surprehendida, e continuou a deitar para o ar o fumo da sua cigarrilha.

Lord Primrose levantou-se e despediu-se da sua supposta esposa.

—Vou ao meu banqueiro, mas espero estar de volta para o jantar.

Chegado ao seu quarto, tirou a carta do bolso, e foi lel-a para o vão de uma janella, para ter a certeza de que não era visto pela russa, pelo buraco da fechadura da porta.

«Mylord, lia elle, soube agora mesmo, por um confidente, da sua chegada. Terei muito gosto, se o seu tempo lhe permittir, recebel-o aqui, porque estou doente de cama.

«Creia-me com a mais distincta consideração, seu dedicado

«Kutusoff.»

O lord deixou cahir de vagar a carta, e olhou pensativo para fóra da janella.

—Não resta duvida, murmurou elle, que o principe está bem informado. Como parece, foi o policia russo mesmo hontem á noite fallar com elle, e contou lhe a minha aventura com a nihilista.

O homem não é tão parvo como julguei; não se deixa enganar. Então agora pode ella muito bem ter cautella com os russos; não posso fazer por ella mais do que eu fiz.

Depois do lord Primrose se ter certificado que a sua supposta esposa não tinha sahido do quarto, vestiu-se cuidadosamente, e foi para casa do principe Kutusoff.

O criado que o recebeu, fez primeiramente uma cara duvidosa; parecia ter ordem de mandar embora todas as pessoas desconhecidas. Mas apenas leu o cartão do lord, abriu logo a porta do quarto do seu amo.

O principe, uma figura alta e imponente, entrando nos quarenta annos, saltou surprehendido da sua cadeira, quando ouviu pronunciar o nome de lord Primrose.

—Desculpe-me, disse elle, dirigindo-se para o elegante inglez, parece-me tel-o conhecido em Petersbur-

go, porque recorreu ao meu nome na alfandega. Por que motivo pronunciou o meu nome?

—Para me livrar das trapalhices da alfandega, respondeu lord Primrose sorrindo-se amavelmente.

—Então, como parece, não me conhece, disse o principe Kutusoff enrugando a testa sombria.

—Não, alteza, não o conhecia e tambem nunca o vi, foi a resposta.

O principe recuou um passo e abriu, como por distracção, uma gaveta da sua secretaria.

—Então não me enganei, o senhor não é nenhum lord Primrose?

—Tem razão, meu principe, respondeu o inglez com o seu costumado escarneo.

—Patife, gritou o russo, puxando d'um revolver da gaveta; então és um conjurado, um nihilista, que só se queria arranjar entrando na minha casa. Nem mais um passo, ou mato-te como a um cão damnado.

O falso lord passou muito tranquillamente a mão pela barba grisalha, e olhou serenamente para o principe.

—Se eu fosse um dos seus inimigos, respondeu elle, então já não estaria vivo na minha frente, porque deve concordar que teria sido durante os cinco minutos que durou a nossa conversa, um alvo vantajoso para uma bala.

O principe pousou a arma em cima da secretaria, e teve que reconhecer a logica d'essa resposta.

—Mas então, diga-me pelo amor de Deus, disse elle mais socegado, porque entrou aqui com um nome falso? Sabe porventura, que deu a sua protecção a uma nihilista perigosa?

—De certo que sei isso, de contrario não era quem realmente sou.

—Então, exclamou o principe Kutusoff, deixe cahir a sua mascara, diga-me quem é e o que quer de mim!

Com um movimento, arrancou a sua barba grisalha e a cabelleira postiça, o supposto lord.

—Já ouviu fallar alguma vez no policia Sherlock Holmes, alteza, perguntou sorrindo.

—Sherlock Holmes! exclamou o principe em tom alegre, estendendo ao seu hospede as duas mãos; sim, não é meu inimigo, porque se o fosse, não podia ser o amigo da minha cara Alexandrina, a condessa Olitzky! Ah! não avalia o que perdi n'ella.

—Ella morreu por si, meu principe, foi assassinada pelos chamados patriotas, porque queria levantar outra vez a honra do seu nome.

O principe deixou-se cahir n'uma cadeira e cobriu o rosto com as duas mãos.

—Assim o presenti, disse elle com voz surda, mas como pode dar hontem a sua protecção a essa Wanda Apraxin; não sabe então que ella quer matar-me? Infelizmente só ha doze horas sei que ella se introduziu em casa da condessa Olitzky.

—Queria então que eu perdesse o seu vestigio aqui em Paris? respondeu Holmes, nas actuaes circumstancias, ella está muito mais segura para mim.

«Se não me tivesse mandado o seu convite, teria vindo voluntariamente hoje aqui. Queria avisal-o relativamente á Apraxin e aos seus cumplices, e principalmente ás pessoas que lhe quizerem apresentar um automato milagroso.

—E foi esse o unico motivo da sua viagem de Londres a Paris?

—Não, respondeu Holmes francamente; o motivo principal é descobrir os assassinos da condessa Olitzky e peço-lhe que me ajude n'isso.

—Disponha de mim, respondeu o principe vivamente, e diga-me o que devo fazer.

—Se lhe fizerem proposta para apresentar o automato jogador de xadrez, aceite immediatamente essa proposta, mas avise-me sem demora, porque n'esse automato está o mysterio da morte da condessa Olitzky. Mas não diga a ninguem, nem ao mais fiel criado, o meu nome; deixe-me ser o lord Primrose.

—Está bem, respondeu o principe, entrego-me completamente nas suas mãos.

«Aqui tem, disse-lhe o principe, um bilhete de convite para um baile que tenciono dar na proxima semana aos meus amigos parisienses.

Pelo caminho, meditou Sharlock Holmes se deveria fallar d'essa visita a casa do principe, á Apraxin; não pedia acontecer que tivesse sido espreitado pelos patriotas? Não poderá succeder que a Apraxin tivesse sido avisada por terceira pessoa, e então principiar a desconfiar? Não poude chegar a uma conclusão definida. Quando chegou a casa, tirou o fato de visitas, pol-o sobre uma cadeira, e deitou-se n'uma chaise-longue. Poucos minutos depois estava a dormir.

De repente abriu-se a porta lateral; Wando a praxin entrou de vagar, sustendo a respiração.

Espreitou um momento se o adormecido acordava com o barulho, mas o supposto Lord continuou a resonar tranquilamente. Então a russa tirou as botas e entrou de todo no quarto.

Sempre com os olhos fixos no Lord, foi de rastos até junto do fato que estava pendurado na cadeira. N'um instante tinha tirado da algibeira do casaco, a carta que o principe Kutusoff mandara de manhã ao supposto Lord Primrose. Rapidamente leu-a.

—Na verdade, elle é quem realmente diz ser, murmurou elle; tambem só um verdadeiro Lord, pode pagar um tal luxo e alugar para elle e para mim uns quartos principeseos. E' uma felicidade elle não ter o presentimento das relações em que estou com o seu amigo.

Elle dobrou a carta e metteu-a outra vez na algibeira interior do casaco. Ia já retirar a sua delgada mão, quando de repente parou. Os seus dedos tinham tocado nos bilhetes que o policia recebera do principe uma hora antes.

—O que será isto? murmurou ella, tirando os bilhetes e mirando-os attentamente.

«Convites para um baile que o principe dá d'aqui a pouco; oh, mas isto é muito favoravel para nós. Sim meu excellentissimo Lord Primrose, disse elle baixinho, isto muda os meus projectos. Agora não posso

ficar mais tempo ao pé de si, porque não me levaria consigo para este baile sabendo que sou nihilista.

Com visivel alegria guardou os dois bilhetes e afastou-se tão vagarosamente e sem fazer bulha como quando entrou.

Quando Sherlock Holmes, depois d'algum tempo acordou, ficou ainda alguns instantes deitado com os olhos abertos.

—Sonhei, murmurou elle, que Apraxin estava ao meu lado e me fixava constantemente.

«Parecia-me que sorria ironicamente, como se preparasse uma partida perfida; ora, como se pode sonhar tanto ao vivo? Parece-me mesmo sentir o perfume que já uma vez me denunciou a sua presença, no subterraneo dos patriotas.

Levantou-se e aspirou o ar pelo nariz.

—Não ha duvida, disse a meia voz, a russa esteve aqui no quarto emquanto eu dormia; provavelmente tinha alguma coisa a dizer-me e não quiz incommodar-me. Tenho pena d'essa criatura que corre inevitavelmente para o abysmo. Mas parece-me que está uma cara em cima da mesa para mim. Teria sido ella que a poz alli?

Depressa abri-a, e leu-a n'um instante.

«Mylord: depois de ter reflectido mais seriamente, tomei a resolução de alugar uma casa e o deixar. Não quero abusar por mais tempo da sua bondade.

Agradeço-lhe o auxilio que me prestou em Paris tão amavelmente. Com certeza nunca mais ouvira falar em mim, porque volto d'aqui para a minha patria.

Uma infeliz»

Sherlock Holmes assobiou devagarinho por entre dentes, como era seu costume quando não estava bem certo d'uma coisa, leu e releu a carta da nihilista.

—Ella mente, disse elle finalmente, não volta para a sua patria emquanto não se vingar com os seus cumplices do principe Kutusoff. Ainda que o principe faça tudo pela sua segurança, estarei com os olhos abertos. Agora chega a vez do meu fiel Harry Taxon para me informar acêrca dos passos de Apraxin, porque não duvido nem um instante que fosse para a casa cuja direcção deu a Harry, antes da sua partida de Londres.

CAPITULO V

O baile fatal

Harry Taxon já era ha seis dias o fiel criado de Wanda Apraxin. Se julgou todavia poder insinuar-se na confiança da russa enganou-se.

Ella não dava um passo fóra de casa, não recebia visitas, mas escrevia muitas cartas que mandava deitar no correio pela sua hospedeira. No setimo dia do seu viver juntos, recebeu Apraxin uma carta pelo correio que a deixou n'uma excitação visivel. Por fim já não podia occultar o seu desassocego.

—Harry, disse ella para o seu criado, sei que foi o ajudante do afamado Sherlock Holmes; deve portanto ter bastante expediente em negocios policiaes.

—Que deseja que faça? perguntou Harry com olhos luminosos.

—Trata-se d'uma coisa muito simples, continuou a russa; é apenas para verificar se é possivel entrar no jardim da propriedade da Esplanada Magente n.º 16 sem ser visto, ainda que seja por cima do muro ou do portão.

«Deve concordar que isso é uma coisa muito facil para si.

—De certo, respondeu Harry Taxon; quer tambem que saiba se é possivel sahir tão depressa do jardim como se entra, porque ha casos em que a sahida é muito mais difficil do que a entrada.

Wanda Apraxin olhou admirada para elle.

—E' um homem muito esperto, respondeu com admiração franceza; na verdade trata-se aqui mais da sahida sem obstaculos do jardim do que da entrada. Mas agora, ponha-se a caminho, porque já começa a escurecer.

Harry Taxon sahiu depressa. Depois d'uma caminhada de meia hora, já tinha avistado a propriedade.

—A quem pertence esta linda villa, perguntou elle a um policia que alli estava de ronda.

—Ao prince Kutusoff, respondeu o policia, continuando o seu caminho.

—A minha desconfiança foi certa, disse Harry. Trata-se d'uma partida dos partidarios russos; mas por emquanto, isso deve ser-me indifferente; tenho de fazer o recado da minha patroa, pora ella não desconfiar.

Devagarinho approximou-se do jardim, até chegar a uma porta escura.

—Isto era um bom sitio para entrar no jardim, murmurou elle.

Tirou da algibeira uma chave falsa e experimentou abrir a fechadura. Depois de algum tempo, sentiu como que a lingueta da fechadura saltando para traz, mas por mais exforços que fizesse para abrir a porta, não o conseguiu. Encostou-se com tanta força contra as elegantes grades, que por fim cederam.

—Sim, murmurou Harry Taxon, a fechadura já não offerece resistencia, mas percebo agora que por dentro está fechada com um ferrolho. Na verdade ha á direita e á esquerda da porta umas aberturas, mas só uma rapoza por certo poderia entrar por alli. E' pena, disse elle, que não tenha menos dez annos, porque então era uma brincadeira para mim entrar lá em cima por esta grade de ferro e abrir o ferrolho.

«Mas sempre quero subir para cima d'essa faia, para d'aqui olhar para dentro do jardim.

Em poucos minutos estava Harry Taxon assentado na folhagem da arvore, e deixava errar o olhar

por cima da propriedade que estava do outro lado do muro.

—Oh, disse elle admirado, mas que belleza de flores, passeios e arbustos; vale a pena saltar alli, para ver o jardim todo.

Já estava para descer da arvore, quando de repente ouviu não longe de si umas vozes. Deviam ser dois homens que conversavam a meia voz. A parede que aqui fazia uma curva, escondia ainda dois desconhecidos; agora soavam as vozes muito perto, e Harry Taxon quasi cahiu de surpreza da arvore; não eram dois homens adultos como elle julgou pelas vozes baixas, mas apenas um homem e um ser que Harry não podia tomar nem por um homem nem creança, nem rapaz. A julgar pela voz viril devia ser um homem já adulto, comquanto tivesse a altura d'um rapaz de seis annos.

Os dois interlucutores ficaram paradas mesmo deante da porta, que tinha dado ao nosso amigo tanto que pensar

—Aqui era um logar muito proprio, disse o mais alto, um homem forte de barba preta, para fazer uma visita ao principe!

Muito admirado, viu Harry Taxon como este, tal qual como elle fizera ha pouco, tirou da algibeira umas chaves falsas e experimentou assim a porta do jardim. Naturalmente todo o esforço era inutil. De repente teve a lembrança de sacudir a porta, e logo descobriu admirado que ella não estava fechada á chave; mas tambem havia o mesmo obstaculo que tinha feito desesperar Harry Taxon.

—E' um ferrolho fechado por dentro, disse elle para o mais pequeno, que tinha observado attentamente o seu manejo.

«A unica possibilidade, continuou elle, de desviar o ferrolho, é entrar pelo buraco da grade da porta e puchar o ferrolho para traz.

—Parece-me, Fredy, que isso será outra vez um trabalho para ti.

O pequeno verificou de todos os lados a abertura e disse depois com voz firme, que fazia um tão grande contraste com o seu corpo infantil:

—Tens razão, o trabalho está mesmo feito de proposito para mim.

Com um impulso, assentou o homem de barba preta, o anão nos seus hombros, de forma que este poude pôr as suas mãos nos ferros que guarneciam a porta no lado superior.

Com grande pasmo, viu Harry Taxon, que estava agora apenas a seis metros de distancia do anão, como este subiu, agarrando-se aos varões de ferro, devagarinho até á abertura. Com uama dmiravel destreza, passou por esta, e estava agora pendurado do lado interior da porta.

Deitou um olhar para ver se era observado por testemunhas que não eram aqui chamadas; mas não se via pessoa alguma no jardim.

Harry Taxon viu com que força o pequeno trabalhava no obstaculo e ficou admirado d'essa prova de força que o anão manifestou, porque sabia por experiencia propria, como é difficil abrir um ferrolho velho e ferrugento que durante annos e annos não funccionou.

Mas tinha já ouvido um liqeiro estalo.

A obra teve bom exito.

Como um esquilo, passou o anão outra vez pelo buraco e dasceu para junto do seu companheiro alto.

—Está feito, áisse elle a meia voz, e na verdade abriu-se a porta depois de um pebueno esforço.

—Bom, disse o mais alto; vou por emquanto fechar outra vez a porta, para que a nossa brecha de invasão ao castello do nosso inimigo, não se descubra cedo de mais.

«Wanda Apraxim ficará admirada quando souber que podemos acabar este trabalho sem ella.

—Mas a porta principal sempre fica para ella, respondeu o anão,

—De certo, nas actuaes circumstancias, tem de executar sósinha a acção; nós apenas lhe podemos ter esta porta livre em caso de necessidade.

*

* *

Já era bastante tarde quando Sherlock Holmes voltou d'um passeio e se assentou no seu quarto n'uma cadeira de balanço para ainda fumar um cigarro.

Debalde tinha esperado uma resposta de Harry Taxon; Wanda Apraxim de certo estava muito tranquilla, senão, já lhe tinha mandado o seu joven aliado uma noticia qualquer.

N'isto, ouviu bater á porta do quarto e uma criada entrou.

—Desculpe, mylord, disse ella, por vir tão tarde incommodal-o, mas está lá fóra um rapaz que quer por força falar a mylord, e nada o faz retirar-se; affirma que mylord o mandou chamar.

—Como é a sua apparencia? perguntou Sherlock Holmes attento.

—E' um homem novo de cerca de 20 annos; tem uma corcunda e um emplastro preto no olho direito; não tem apparencia de muita confiança, e, se mylord ordena, mando-o pôr já fóra do hotel.

—Não, não, respondeu o afamado policia, agora me lembro, na verdade d'um homem assim; deixe-o entrar sem receio.

A criada retirou-se, e um momento depois estava o joven corcunda deante do supposto lord.

Sherlock Holmes fixou-o um segundo, depois offerecendo-lhe uma cadeira, disse:

—Põe-te á vontade, Harry; que tens de importante para me dizer? De resto já ha muito tempo que estava á espera das tuas noticias.

—Até agora, não aconteceu nada de anormal, respondeu baixinho o joven, mas esta noite parece que o diabo anda á solta, e com grande pressa contou as aventuras da noite d'aquelle dia.

«Em conclusão, disse o joven, Wanda Apraxin sahiu ha dez minutos de casa ás escondidas e vestida com uma grande toilette de baile.

—Déus do ceu! gritou o policia, a' quantos estamos hoje?

—Estamos a 18, respondeu Harry Taxon admirado da excitação do seu mestre,

—Não ha duvida, hoje é o baile em casa do principe Kutusoff. onde estão os bilhetes de convite que elle me deu?

Correu ao guarda-fato, arrancou a sua sobrecasaca do cabide e verificou as algibeiras; encontrou logo a carta que o principe lhe tinha mandado, no dia seguinte á sua chegada, mas os dois bilhetes para o baile tinham desapparecido.

—Depressa, gritou elle para o seu ajudante, ajuda-me a fazer a toilette; em 10 minutos o maximo é necessario que esteja prompto; devo ir depressa para evitar uma grande desgraça, porque se trata da vida d'um homem.

Ainda não era a hora marcada, e já o policia estava em trajo de baile; mais uma vez verificou como estava a sua cabelleira e a barba grisalha, depois sahiu rapidamente acompanhado de Harry Taxon, que nem teve tempo de se informar dos projectos do seu mestre,

Sem obstaculo, deixaram os criados entrar o supposto lord Primose na villa do principe Knousoff.

O baile já tinha começado. Os olhos prespicazes de Holmes procuraram por toda a parte a russa.

Não poude descobril-a em parte alguma, mas tambem não vira o principe.

—Deus queira que não tivesse chegado tarde de mais, murmurou elle passeiando lentamente pela sala. N'esse momento era um intervallo, e os pares espalhavam-se por umas pequenas mesas, onde os criados lhe serviam refrescos.

Agora mesmo passava deante do policia, o mordomo da casa, que vigiava os criados; Holmes chamou-o ae parte e disse-lhe baixinho:

—Onde está o principe? Preciso fallar-lhe immediatamente.

—Já tinha cumprimentado os seus convidados, respondeu este, quando lhe foi entregue um telegramma urgente, com o qual se retirou ha pouco tempo.

—Se o encontrar, diga-lhe que está cá lord Primose; entretanto vou dar uma volta ao jardim, na esperança de encontrar Wanda Apraxim, ou algum dos seus conjurados. Mas não havia vestigios d'ella.

Já ia voltar outra vez para a villa, quando viu, por detraz do caramanchão, perto do muro um vestido branco. Depressa entrou para um outro caramanchão. Era tempo. Pois n'esse mesmo instante Wanda Apraxim passou em frente d'elle.

—Ah, murmurou o policia, queria certificar-se se a porta de sahida, das que me fallou Harry estava aberta; agora estou com curiosidade de ver os acontecimentos d'esta noite.

Longe ouvia a musica attrahente que chamava os pares para uma quadrilha.

A russa havia desapparecido da vista do nosso amigo, e decerto já tinha chegado á sala de baile. De fora, deitou Sherlock Holmes um olhar prescrutador pela janella dadosaos convi qupar a eseam hunpdis dançar a quadrilha.

Agora tambem vira a russa, que se tiaha metido no vão d'uma janella onde estava completamente escondida com as palmeiras. Devagarinho entrou Holmes para a sala. Procurou esconder-se par detraz da fila de criados, de forma que Apraxim mesmo que soubesse da sua presença, não podia vel-o.

Reparou de repente que ella tinha sido presa de uma grande excitação; poude ver mesmo distinctamente que os seus olhos se fixavam n'uma determinada direcção, e que se punha nos bicos dos pés para poder olhar melhor através das palmeiras; parecbia agora o motivo da sua excitação.

Do lado da porta da sala, vinha o principe pelo braço d'uma senhora, para se juntar aos outros pares.

Como uma panthera que se prepara para saltar sobre a sua victima, estava agora a russa, com o busto muito inclinado para a frente, observando todos os movimentos do principe.

N'este momento, estava este, o maximo, dez metros distante d'ella. O momento de proceder parecia ter chegado, a sua mão direita tirou da algibeira um revolver que brilhava agora entre as hastes das palmeiras—o principe estava perdido.

—Bôa noite, querida senhora; via-a tão pallida e tão abatida, que não pude deixar de ir buscar um refresco para si; sirva-se.

Tresloucada, rigida a russa parecia uma estatua

Teve ainda a ideia de deixar cahir o braço que segurava o revolver.

—Mylord, disse ella, deixando escorregar devagarinho o revolver para a algibeira.

«Como me fez medo; agradeço-lhe muito, é muito amavel; na verdade não me sentia bem.

Machinalmente, agarrou no copo e bebeu o conteudo até ao fim; a excitação era tão grande, que a lingua se lhe tinha pegado ao ceu da bocca,

—Bom, disse Sherlock Holmes com amavel sorriso, agora podemos conversar aqui n'este cantinho que perece ter sido feito de proposito para rendez-ovus.

«Porque me deixou tão desdenhosamente? disse-lhe baixinho o supposto lord; não podia esperar mais uns dias e virmos juntos a esta liuda festa? Mas como é que entrou na «villa»?

Wanda Apraxin queria responder, mas coisa estranha, não poude encontrar palavras nem mesmo pou de juntar as ideias; apenas sorria devagarinho, como se sentisse um bem estar infinito.

Uma fadiga agradavel a tomou e nem mesmo sabia porque motivo estava ali.

Ah! se ella agora estivesse em casa e pudesse dormir á vontade!

E na verdade, começou a bocejar sem mais nem menos, continuando a escutar a voz pausada de Lord Primorose, que estava a animal-a tão amavelmente.

—Oh! como esta voz a adormeceu sem lhe poder resistir; suavemente, deixou-se cair para traz. Ainda

fez esforços para se endireitar e fallar, mas só um sorriso confuso lhe passou pelas suas feições pallidas —d'ahi a um momento, estava a dormir profundamente.

Holmes levantou-se de vagarinho e fez um signal a alguns creados que estavam proximos.

—Levem esta senhora para um quarto, porque ella adoeceu, como parece, mas evitem qualquer escandalo; vou pedir ao mordomo para no fim da dansa informar o principe do incidente.

Tudo se passou pelo melhor.

Depois dos criados se terem retirado, verificou Holmes as algibeiras da russa, d'onde tirou o revolver e um frasquinho que sem duvida nenhuma continha um veneno. De certo era destinado a ella propria, no caso de se poder salvar, depois do assassino do principe.

A porta abriu-se devagarinho, o principe Kutusoff entrou; admirado, ficou um momento parado.

—O que aconteceu? perguntou elle ao policia;— foram dizer-me que uma senhora tinha desmaiado.

—E' Wanda Apraxin, respondeu Holmes indicando a adormecida.

O principe examinou-a curiosamente.

—E' essa então a nibilista, que com mais alguns doidos procuram matar-me?

«Estou surprehendido com a sua belleza e com a sua graça. Mas como conseguiu ella entrar aqui? Não se pode admittir que ella faça parte dos meus convidados.

—Ella convidou-se a si propria, respondeu o policia.

«Soube que entrou na villa pelo braço d'um sujeito elegante; e sem duvida aproveitaram os dois bilhetes de convite que vossa alteza pôz á minha disposição para esta festa e que me foram roubados.

—Seria por acaso, disse o principe, que esta mulher sanguinaria adoeceu justamente na minha villa?

—Não, disse Holmes sorrindo; esse favor não lhe fez ella. Vi que ella escondida por detraz das palmeiras apontava este revolvor ao senhor, que se encontrava uns dez metros distante d'ella. Para evitar escandalo, approximei-me rapidamente d'ella, e dei-lhe um forte narcotico; agora dormirá, sem que acorde, até ámanhã de manhã.

—O senhor é o meu bom anjo, disse commovido o principe, e quero mostrar-lhe a minha gratidão. Mas que faremos de Apraxin? Vamos entregal-a á policia?

—Não, respondeu Sherlock Holmes. isso contrariava os meus planos; assim nunca poderiamos agarrar os assassinos da condessa Olitzky, nem descobrir o segredo do automato. Diga ao seu mordomo para deixar ao pé d'ella um criado de confiança que a acompanhe até fóra da villa quando acordar.

CAPITULO VIII

Desvenda-se o mysterio

Sherlock Holmes andava inquieto no seu gabinete d'um lado para o outro. Já se tinham passado outra vez alguns dias sem ter recebido noticias nem do principe nem de Harry Taxon.

O seu criado de quarto trouxe-lhe uma carta que tinha chegado de manhã e tinha o brazão do principe Kutusoff.

«Mylord, dizia a carta, procedi exactamente como me aconselhou. Nenhum dos meus criados teve a minina desconfiança do horrivel perigo em que estive na noite do bailo. A senhora que sabe, dormiu até ás 7 horas da manhã e foi acompanhada até fóra da casa, delicadamente.

«Que a sociedade interessada não tem a minina desconfiança de que conhecemos os seus planos, prova-o a circumstancia de ter hoje recebido uma carta d'um supposto italiano que me pede para me apresentar o seu automato Hing Tong.

«Como vê, aconteceu tudo como previu; admiro os seus extraordinarios conhecimentos humanos, e entrego o resto á sua perspicacia, que já uma vez me salvou a vida.

O seu reconhecido

Kutusoff

Sherlock Holmes meditou muito tempo; combinou perfeitamente todo o plano, como o bando dos assassinos podia ser preso, o menos escandalosamente possivel.

Depois foi para casa do principe para tratar com elle as disposições necessarias.

Outra vez estava a villa do principe Kutusof furicamente illuminada; outra vez rodavam as elegantes equipagens deante da porta principal.

Mas não era na grande sala em que tinha sido dado baile ha poucos dias, que a sociedade se reunia hoje, mas sim n'um dos aposentos particulares do principe Kutusoff.

No meio do aposento, separado por uma barreira toda em volta, estava já o automato, como quando o vimos em casa da condessa Olitzky.

D'esta vez o dono de Hing Tong não era um homem de barba preta, mas sim um elegante cavalheiro com bigode distincto, olhos ardentes, justamente como se pode imaginar um italiano de raça. Tambem fallava o francez com uma pronuncia tão extrangeirada, que ninguem duvidava da sua nacionalidade.

Em sua companhia, tinha um joven e elegante criado, com o cabello cortado á escovinha, e bigode

pequeno e escuro. A representação, teve o seu começo, como ha 15 dias em casa da condessa Olitzky, e Hing Tong, como a solução das perguntas que foram feitas de todos os lados, despertou em todas as pessoas presentes na maior admiração.

Immovel como em Londres, ficava o dono do automato; parecia não ter interesse nenhum nas perguntas e respostas. Apenas os seus olhos prescrutadores, se fitavam n'uma cara e n'outra, de vez em quando.

Parecia que procurava alguem.

Mas de repente, a sua cara sombria illuminou-se. Um sujeito velho e amavel, approximou-se do automato. Com visivel interesse, escutava as suas respostas espirituosas, e o seu divertimento com Hing Tong, parecia crescer de resposta para resposta.

—Tambem eu desejava fazer algumas perguntas ao seu automato maravilhoso, disse elle para o italiano, sorrindo ao de leve.

—Faça favor, meu senhor, respondeu este com cortezia, tantas quantas queira.

—Trata-se d'uma pergunta muito simples, quantos annos me dá, Hing Tong?

Logo depois escreveu o automato na sua pedra:

—55 a 60 annos.

O sujeito idoso esfregou satisfeito as mãos, como se tivesse recebido uma communicação importante.

—Muito bem, muito bem, disse elle voltando-se para o principe; o pequeno chinez é omnisciente.

Todos estavam admirados com o jubilo do velho; em comparação com os problemas difficeis que Hing Tong tinha resolvido, não tinha esta importancia alguma.

—Quem sou eu e como me chamo? perguntou amavelmente o sujeito de cabello grisalho.

—O senhor é o amigo do principe Kutusoff e chama-se lord Primrose, respondeu promptamente o automato.

—Admiravel, de todo admiravel, exclamou o supposto lord, não julgava que Hing Tong me reconhecesse no meu disfarce.

Dizendo isto, endireitou-se para ficar na sua altura natural e elegante; todos olharam para elle admirados.

—Talvez Hing Tong me podesse dizer se aconteceu alguma coisa extraordinaria n'esta *villa* na noite do baile? continuou o lord a perguntar.

—Uma senhora desmaiou e foi preciso leval-a para fóra da sala, foi a resposta.

—Muito bem, meu querido Hing Tong, concordou o lord examinado a roda dos convidados.

—Poderá tambem Hing Tong dizer-me qual era a intenção d'essa senhora na noite do baile?

—Queria divertir-se um pouco no meio dos seus compatriotas.

Todos os assistentes tinham perdido as suas caras sorridentes, e pareciam presentir que este velho sujeito queria interrogar energicamente o automato.

Em todas as caras se lia uma curiosidade, extrema.

—D'esta vez Hing Tong enganou-se! exclamou lord Primrose, fixando o italiano.

—Hing Tong nunca se engana, respondeu este, fazendo-se pallido.

—Ah, disse o lord rindo.

«Hing Tong julga talvez que um attentado contra o principe Kutusoff faz parte dos divertimentos da tal senhora? Assim, talvez tivesse razão.

A maior parte dos assistentes tinha-se levantado e olhava consternados para o italiano, que examinava sombriamente o sujeito que tinha feito estas perguntas tão importunas.

—Hing Tong poderá dizer-me o nome d'essa senhora? continuou o lord.

—Hing Tong sabe esse nome, mas não quer dizel-o, foi a resposta.

—D'esta vez disse elle a verdade, acrescentou o lord sorrindo; então, meus senhores, disse elle voltando-se para os convidados, vou eu completar a resposta do automato:

«Era a nihilista Wanda Apraxin, que queria praticar o attentado, na pessoa do principe Kutusoff.

Os convidados assustados, apenas se atreviam a respirar, mas na realidade, o que se passava diante d'elles?

—Onde está n'este momento Wanda Apraxin? foi a nova pergunta do lord.

Do automato ouviu-se um ligeiro estalo, como se uma mola tivesse saltado; ao mesmo tempo cahiram os braços do chinez já frouxos.

—A corda acabou-se, meus senhores, Hing Tong já não pode responder.

—Então encarrego-me eu da resposta, disse o lord.

«Principe! a perigosa nihilista Wanda Apraxin, é este lindo ajudante do dono do automato, que se occupou ardentemente das senhoras no começo da representação. Soceguem meus senhores, continuou em voz mais alta, quando viu que algumas pessôas que queriam fugir da sala; bem veem que ella já está presa.

Harry Taxon que foi convidado pelos russos para trazer o automato, tinha-se deitado n'este momento sobre a sua ama e tinha-lhe posto as algemas para não poder fazer uso do revolver.

Ao mesmo tempo meia duzia de policias, que estavam assentados no meio dos convidados, aproximaram-se do automato e cercaram-no assim como ao seu dono, tão extreitamente que uma fuga seria impossivel.

—E agora meus senhores, exclamou o supposto lord, está chegado o fim da representação de hoje.

Quem é Hing Tong?

O que é a rodagem mysteriosa o omnisciente do automato?

Com passos rapidos tinha-se aproximado da mesa onde estava a figura do chinez, e com um empurrão arrancou a cabeça da figura.

—Vejam este anão, que está sentado na caixa da mesa, com as pernas cruzadas; é o mysterioso automato!

«E' o instrumento docil d'este patife, que se nos apresentou hoje como italiano, sendo na realidade o nihilista Domitscheff tanto procurado pela policia russa. Estes dois homens tambem são os assassinos da condessa Olitzky.

Dizendo isto, tirou o anão, que tremia todo, para fóra da caixa da mesa; da sua algibeira sahia-lhe um martello que tinha uma das pontas muito bicudas. Com este martello foi quebrado o craneo da condessa Olitzky quando dormia; com este martello devia ser assassinado esta noite o principe Kutusoff, porque o dono do automato já tinha pedido licença para deixar ficar a rodagem, quer dizer, este anão, que elle escondia no cesto, ficaria nos aposentos do nosso amigo durante a noite; tal qual como fizera em casa da condessa Olitzky, onde a dama de companhia Wanda Apraxin escondeu o cesto na sua cama.

Durante esta conversa, tinham os policias ligado as mãos atraz das costas, ao supposto italiano, e revistando-o, encontraram-lhe um revolver carregado e uma bomba em forma d'uma garrafa; elle não tinha dito palavra, mas n'este momento soou lá fóra um grito estridente.

—Deixem-me entrar mais uma vez na sala, gritou uma voz de mulher, quero outra vez ver o principe, sabem muito bem, grandes parvos, que não lhe posso fazer nenhum mal, porque tenho as mãos solidamente ligadas, e não posso mexer um dedo.

A um signal do principe, foi Wanda Apraxin conduzida para a sala.

A dois passos de lord Primrose, que estava justamente por baixo do lustre, ficou ella parada; ainda elle segurava pelo pescoço o anão que tremia todo, e que estava de pé sobre uma cadeira.

De repente deu Wanda Aproxin uma gargalhada aguda. Todos julgaram ter uma doida na sua frente.

—Ah! ah! ah! gritou ella; isso é a gratidão de o ter salvo do subterraneo dos patriotas, quando Domitscheff o queria fazer saltar pelos ares? Como eu fui cega, não o reconhecendo ha mais tempo, sr. Sherlock Holmes. Mas fiquei completamente convencida da sua morte, quando o patife do seu ajudante me veiu contar. Quando impediu o meu attentado contra o principe Kutusoff e me deu o narcotico, lembrei-me que me tinha talvez que haver com Sherlock Holmes. Mas não pude duvidar da sua morte depois que ouvi contar aos patriotas o caso do tiro disparado sobre si, no jardim de sua casa; da chamada do medico por Harry Taxon.

«Sim, o senhor Holmes ludibriou-me e conseguiu o seu fim. Seremos todos entregues á Inglaterra e enforcados.

O afamado policia tinha tirado a cabelleira e a barba e viu-se rodeado de todos os assistentes; cada um queria fazer perguntas; a maior parte só o conhecia de nome e por isso queriam vel-o e apertar-lhe a mão.

De repente soou outra vez um grito nas ultimas filas: Wanda Apraxin tinha tirado as algemas, e atirando-se a um policia tirou-lhe o revolver de serviço, do cinturão.

Como um tigre na jaula, tinha ella soltado para as portas para fugir, mas estas por prudencia estavam fechadas.

Agora estava ella em pé com o revolver levantado, e com as costas juntas á parede, os homens estavam transidos de terror; as senhoras, na maior parte, tinham desmaiado de medo.

Wanda Aproxin deitou um olhar longo sobre os assistentes; depois deu a mesma gargalhada de doida como ha pouco.

—Não, gritou ella rindo, não tenham medo, a minha sêde de vingança não é para vós, poltrões, mas só para as sanguesugas, os carrascos do nosso pobre povo. E' pena que o principe se tenha safado; gostaria immenso de leval-o comigo.

«Vejo que perdi o meu jogo, e só posso livrar-me d'uma unica maneira do contacto ignominioso do carrasco.

«Adeus, sr. Holmes, não o odeio, apesar de ter sido o senhor a causa da minha ruina. Mas o senhor é um homem perfeito, pelo qual, mesmo n'esta occasião, consagro a mais alta admiração.

Um tiro, ouviu se.

—Wanda Apraxin cahiu para o chão, morta, com o craneo despedaçado.

FIM

Ler no proximo numero:

A Caça ao Homem

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

MODERN-BIBLIOTHECA

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercalladas no texto

A *Modern-Bibliotheca* será constituida por edições luxuosas e artisticas, todavia acceziveis aos menos abonados, offerecendo-lhes, por baixos preços, as obras primas dos melhores escriptores modernos, dos grandes mestres do romance naturalista, baseadas em factos da vida real, analysados com invulgar observação e critica salutar.

Volumes publicados

I—**Ditoso Lar**, *por Marcel Prévost*
II—**Aphrodite**, *por Pierre Louys*.
III—**Prima Laura**, *por Marcel Prévost*.

Em preparação

Em Férias, *de Henry Regnier* - **Sire**, *de Henry Lavedan* **André Cornélis**, *de Paul Bourget*—**Memorias d'um fidalgo**, *de Abel Hermant*, etc., etc.

Preço 500 rèis

O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Romances de amor—Romances de aventuras—Romances de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs. Cada volume in-8.º brochado, com explendida capa artistica **Rs. 100**

Volumes publicados

A enterrada viva, por Julio Lermina. *O mascara negra (Proezas de Raffles)*, por E. W. Hornung. *O segredo do abysmo*, por G. Le Faure. *O castigo d'um falsario (Proezas de Raffles)* *O amante da rainha*, por Jean Kerlecq. *O roubo das reaes ordens (Proezas de Raffles)*. *Um rival de Sherlock Holmes*, por Hector Fleichmann. *Uma aventura nocturna (Proezas de Raffles)*. *Um parisiense na Persia*, por Paul d'Ivoi. *O estratagema d'um banqueiro, (Proezas de Raffles) O padre sangrento*, por Michel Delines *O principe jogador (Proezas de Raffles)* *As catacumbas de Paris (Proezas de Raffles)*. *As vinganças de Musolino* por Michel Delines. *O retratoda princesa Proezas de Raffles O diamantes do duque de Norfolck (Proezas de Raffles)*

A apparecer brevemente

Milagre de amor

A publicação das

PROEZAS DE RAFFLES

O GATUNO AMADOR

alternará no **Livro Popular** com novellas d'outros auctores. seleccionadas com o maior escrupulo.

Dirigir pedidos á

Empresa Lusitana Editora, C. do Ferregial, 23, 1.º Lisboa

Coliecção Galante Illustrada

Explendidos romances de amor, com magnificas photogravuras

A publicação mais barata de Portugal

300 rs. Cada volume com bella capa artistica **rs. 300**

Volumes publicados

I **Memorias de uma mulher bonita**, por E. Feydeau (2.ª *edição*).—II e III **Veneno dos labios**, por René Emery.—IV **Pensa do amor**, por Jean Valgorge.—V **Estroinices de mulher**, por Jean de Merlin.—VI e VII **As sacerdotizas de Mylitta**, por Jane de la Vaudère.—VIII **Supremo abraço**, por Victorien du Saussay.—IX **Flôr de Volupia**, por Saint-Médard. —X **O peccado da baroneza**, por Victor Joze.—XI **Tormentas de amor**, por Guy de Téramond.—XII **Noites de prazer**, por Victorien du Saussay.—XIII **Hora propicia**, por René Emery.—XIV **Virgens em flôr**, por René Emery.—XV **Voluptuosidades imperiaes**, por Guy de Téramond.—XVI **Furor amoroso**, por Saint-Médard.—XVII **O Harem de Syta**, por Jane de la Vaudère.—XVIII **Amante ideal**, por Victorien du Saussay. —XIX **Manobras conjugaes**, por Theodoro Cahu.—XX **Biblia do amor**, por René Emery.—XXI **As mulheres dos outros**, por G. de Téramond.—XXII **As que escorregam**, por Theodoro Cahu.—XXIII **Delirios da carne** *(Amores de uma freira)*, por Victor Nadal.—XXIV **Educação amorosa**, por René Maizeroy.—XXV **Rainhas d'Alcova**, por Amadeu Boyer—XXVI **Sereia**, por René Maizeroy—XXVII **As ultimas bacchantes** por Jean Gravigni. XXVIII - **O menino bonito**, por Jean Valgorge. XXIX — **Viuvas ardentes**, por Victor Joze. XXX — **Amantes femininos** por Adrienne Saintagen XXXI—**O conquistador de criadas**, por Paul Perrin e Robert Francheville

Em preparação

XXXII—**Os espinhos do adulterio**, por V. Saussay

Empresa Luzitana Editora

Collecção Amorosa

NOVELLASE CONTOS DOS MAIS CELEBRES AUCTORES

Publicação quinzenal—Edição de luxo

100 rs. Cada volume com bella capa artistica **100 rs.**

A nova publicação, que lançamos a publico n'uma digna esmerada e ao alcance das bolsas menos abonadas, formará uma preciosa collecção das mais lindas novella e contos que a litteratura mundial tem produzido.

Inserindo apenas trabalhos devidos a escriptores consagrados constituirá uma pequena bibliotheca de raro merecimento litterario, precioso escrinio de verdadeiras maravilhas d'arte.

Acham-se já publicados:

O Segredo de Suzanna, *por M. Prévost* **Uma lição**, *por Emile Zola* **Missão delicada**, *por M. Prévost* **Historietas brejeiras**, *por Armand Sylvestre* **Seis mulheres para um homem**, *por C. Aubert* **Contos do convento**, *por Catulle Mendés* **A conquista do amor (Nantas)**, *por Emile Zola*. **O amigo Ulysses** *por C. Aubert* **Os ultimos bandidos**, *por C. Aubert* **Cartas de mulher**, *por M. Prévoste*

No prélo:

N'uma noite de verão, *por Emile Zola*. **Casamento d'amor**, *por Ludovico Halevy*. **Quadros vivos**, *por T. de Banville*.

Pedidos á

Empresa Lusitana Editora, Calçada do Ferregial, 23

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

Nova edição, inteiramente refundida e cuidadosamente revista

100 rs. o volume **rs. 100**

O exito obtido por esta obra, traduzida em todas as linguas cultas, invulgar em publicações congeneres, leva a **Empresa Lusitana Editora** a abalancar-se agora a uma nova edição, lançada a publico em condições de absoluta vantagem para o comprador

Revistas cuidadosamente as primeiras edições, as que vão seguir-se em volumes elegantes, formato 8º gr., impressos em magnifico papel e pelo modico preço de

100 rs.—o volume brochado com elegante capa artistica—**rs. 100**

constituirão para o apreciador de bons livros, para o collecionador apaixonado d'este genero de litteratura, uma bonita e amena collecção, digna de figurar ao lado d'outras de elevado preço.

Pelo primeiro volume exposto á venda

O MERCADOR DE CADAVERES

será facil ajuizar do apuro que se observou na factura da edição tanto no que respeita a parte litteraria como na artistica.

Assim publicadas em formato de livro n'uma edição economica é de crer que as

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

consigam da parte do publico acceitação egual, senão superior, ás publicadas nas edições anteriores.

Pedidos á

EMPRESA LUSITANA EDITORA, *Calçada do Ferregial, 23, 1.º*

A VIDA D'AVENTURAS

60 rs. CADA OBRA **rs. 60**

Texas Jack

◆ ◆ O Terror dos Indios ◆ ◆

A vida do celebre aventureiro americano, cujo nome corre do norte a sul no mundo *yankee*, como o d'esses heroes lendarios de antigas eras, é narrada nas empolgantes novellas que constituem a primeira serie da **A Vida d'Aventuras** com todo o colorido a que se presta a figura do incomparavel *gaucho* e a selvatica região onde decorrem os episodios.

Os titulos das obras já publicadas são os seguintes:

1. Um Heroe de dezeseis annos. 2. Os corvos da California. 3. Mulher demonio. 4. Mas acre de Camp-Lencaster. 5. O ultimo rei dos Comanchos. 6. Os pesquisadores d'ouro do Arizona. 7. Texas-Jack, policia. 8. O Castello Mysterioso. 9. O segredo do caçador. 10. Desforra sangrenta. 11. O martyrio da virgem loira. 12. Vingança do Mormon. 13. Corrida para a morte. 14. A rainha dos bandidos. 15. Como Texas-Jack encontrou seu pae. 16. A mala posta de Farmington. 17. O ladrão de milhões. 18. As nupcias de Buena-Vista. 18. A destruição de Troya. 20. Barnum e Texas 21 Cariti, o Salvador. 22. O bando negro do Texas. 23. O feiticeiro de Prescott-Park. 24. Por ares e ventos, 25 Uma Batalha subterranea. 26. O Casamento de Texas-Jack. 27. A revolta dos negros mexicanos. 28. O mercador de fêras 29. A fonte da Morte. 30. Aventuras de 3 garotos no Far-West. 31. Um crime no deserto. 32 A ultima rainha dos Utah. 33. Bob, o Taciturno. 34. Um ataque ao comboio do Pacifico. 35. O Bufalo infernal.

Pedidos a

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23,—LISBOA

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

As Missas Negras

Feitiços, diabruras, maleficios e sortilegios

Os Amores e o culto de Satanaz

TITULO DOS CAPITULOS

Primeira Parte, O culto de Satanaz:—I origens e progressos dos mysterios.—II A Demonomania dos antigos.—III As seitas heresiarchas e as suas cerimonias.—IV Festas licenciosas do seculo XII.—V Votos e maleficios consagrados.—VI Profanações dos seculos XIV e XVI.—VII As missas e cerimonias escandalosas do seculo XVI.—VIII Assembléas satanicas—Missas negras dos feiticeiros.—IX Maleficios, sortilegios, sacrilegios e missas negras do seculo XVII.—X Os convulsionarios e as suas doutrinas singulares.—XI O Templo da Maçonaria Egypcia—Cagliostro.—XII Cerimonias sacrilegas da Revolução.—XIII Missas negras modernas.

Segunda Parte, Os amores de Satanaz:—I Torpezas dos grandes senhores e do clero.—II Costumes dissolutos dos reis francos e dos bispos da Edade Média.—III Costumes publicos e privados a partir do seculo XI.—Os possessos demoniacos.—IV As possessas de Loudun e Louviers.—V Os vicios dos seculos XVII e XVIII.—VI Os possessos de Morzina.

600 réis Um grosso e elegante vol. in. 8.º gr. **réis 600**